UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação – FE

Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia

UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

LUANA LIMA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA - 2011

LUANA LIMA DE OLIVEIRA

UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Wivian Weller

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Wivian Weller (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Marly Silveira
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Mestre Claudia Denis Alves da Paz
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA - 2011

LUANA LIMA DE OLIVEIRA

UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Wivian Weller.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Wivian Weller (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Marly Silveira
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Mestre Claudia Denis Alves da Paz
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA - 2011

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente ao meu Deus, o Senhor Jesus Cristo, que sempre me deu força para sonhar e lutar; a minha mãe e ao meu pai pela fé e pela confiança que vocês incessantemente depositaram em cada instante de minha vida; as minhas avós e aos meus avôs por suas lindas histórias, pois foram essas que atiçaram novas formas de ver e viver; aos meus mestres que durante a minha formação despertaram novos olhares; aos meus irmãos por seus pensamentos positivos; aos meus amigos e amigas pela presença, pelo carinho, sobretudo pela energia de suas torcidas que me afetaram de tal forma para que nunca deixasse de caminhar; e a todas e todos que utilizam da educação como um instrumento construtor de valores baseados na igualdade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem sua luz eu nada seria.

À minha graciosa mãe Alcina, por sua bravura e por sua coragem, que salta aos meus olhos e que me enche de orgulho todos os dias de minha vida.

Ao meu querido pai Dionísio, por seu imenso afeto, por ser aquele que me sempre diz que eu posso conseguir alcançar os meus objetivos.

Aos meus avôs e minhas avós, por suas orações, pois são elas que alimentam a minha alma.

Aos meus irmãos Luciano e Fernanda por suas contribuições.

Aos meus tios por me ajudarem nos momentos em que precisei.

À Ana Paula Monteiro, pelo enriquecimento de suas considerações, por sua doce companhia, por todo seu carinho que sempre deu paz ao meu espírito, sobretudo obrigada por se fazer presente.

À minha amiga Izabela Parise por compartilhar das minhas expectativas, dos momentos difíceis e por ampliar as minhas discussões.

À Ligia Gabrielle por todos os debates, críticas, sugestões, por toda sua alegria, afago e cumplicidade de todos os momentos.

À Pâmela Alves, por suas intervenções durante todo processo deste trabalho, por sua serenidade e por estar em todas as horas.

À Márcia Santana e Agda Tamires, pelos momentos divididos com vocês na residência em que moramos.

À Cláudia Denis por sua presteza, suas sugestões, motivação e todo carinho em todo o processo.

Ao meu grande amigo Afran Arruda, por seu carinho fraternal.

Ao grupo GERAJU pela iniciativa de suas pesquisas.

À minha orientadora Profª Wivian Weller, pela compreensão, confiança e idéias compartilhadas sobre as questões desta monografia.

“Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.”

(Albert Einstein)

OLIVEIRA, Luana Lima. Um olhar sobre a educação em Sexualidades na formação de educadoras e educadores. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2011.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo empreender uma análise na formação de educadoras/es sobre Sexualidade[1], para isso serão analisadas as discussões realizadas nos fóruns do Módulo Sexualidade do curso Gênero e Diversidade na Escola, realizado no segundo semestre de 2009, pelo Governo Federal. O curso foi oferecido no Distrito Federal sob responsabilidade do grupo de pesquisa GERAJU[2] da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília em parceria com EAPE/SEDF[3]. Esse curso destinou-se às/aos educadoras/es da rede pública de ensino do Distrito Federal, e trabalha a formação das/dos professoras/es com temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Para realizar uma análise sobre os discursos, utilizou-se o método análise de conteúdo. Dessa forma, foi possível explicitar se as/os educadoras/os compreenderam a Sexualidade como um processo de construção em diferentes instâncias sociais e culturais, sendo possível, localizar as tensões ou omissões presentes nas práticas adotadas pelas/pelos professoras/es, apresentando possibilidades educativas que tenham como compromisso o respeito à diferença. Este estudo se desenvolve em três capítulos: o primeiro capítulo traz uma breve revisão bibliográfica sobre as relações entre Sexualidade, Currículo e Educação; o segundo capítulo é constituído do aporte metodológico em que é tecida a análise; e o terceiro realiza o exame sobre os discursos das/dos educadoras/es, relacionando a *práxis* educativa e educação em Sexualidades. A análise realizada sobre as postagens das/dos educadoras/es revelou alguns posicionamentos homofóbicos, outros que – após as leituras e discussões – demonstram caminhar para uma compreensão da diversidade sexual, e também os que apresentam uma argumentação baseada no reconhecimento e respeito à diferença.

Palavras chave: Sexualidade, Práticas Pedagógicas, Formação e Educação

---

1 Grifo da autora desta monografia

2 Grupo de pesquisa em Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/ Etnia e Juventude.

3 Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....
RESUMO .....
PRIMEIRA PARTE: MEMORIAL .....
MEMORIAL .....
SEGUNDA PARTE: MONOGRAFIA .....
INTRODUÇÃO 1
CAPÍTULO I .....
1.1 A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO 3
1.2 MARCAS 7
1.3 O CURRICULO 11
1.4 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADES 15
CAPÍTULO II .....
2.1 SOBRE O CURSO 18
2.2 CARACTERIZAÇÃO 20
2.3 SELEÇÃO DOS SUJEITOS 22
2.4 BREVE APRESENTAÇÃO DOS ATORES DOS DISCURSOS 23
CAPÍTULO III .....
3.1 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE 25
3.2 PREMISSAS VALORATIVAS 26
3.3 SÍNTESE CONCLUSIVA: ANÁLISE REFLETIDA DAS POSIÇÕES 38
CONSIDERAÇÕES FINAIS 46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 48

PRIMEIRA PARTE: MEMORIAL

MEMORIAL

Durante toda a minha vida, ouvi frases como: “Você pergunta o porquê de tudo, e está sempre desconfiando das respostas que lhe dão”, “Gosta mesmo é de ser a do contra!”, “Você não quer aceitar as coisas como são, e fica imaginando o impossível!”. Mas será que não existe outra possibilidade de se pensar? Como todos devem pensar igual sobre determinadas coisas se somos diferentes?

São perguntas como essas que sempre me moveram e, no campo dos estudos não seria diferente. Devido a essa movimentação, gerada pelos questionamentos que sempre fiz, houve momentos em que me perguntei o porquê, primariamente, da minha essência curiosa e, sobretudo, de onde vem a vontade de saber. É esse sentimento chamado curiosidade, que me levou ao encontro da temática abordada neste estudo.

No primeiro semestre de 2010 entrei para o grupo de pesquisa GERAJU, e foi nesse momento que comecei a estudar sobre temáticas de Gênero articuladas com as de Sexualidade. A partir disso, alguns questionamentos começaram a me instigar sobre a forma como pensamos e até mesmo a forma de sermos, essas formas são intermediadas por construções e invenções da sociedade a qual estamos inseridos/as. Sobretudo, comecei a refletir sobre os processos de subjetivação dos sujeitos, de como esses processos se inscrevem em nossas vidas, marcando nossos corpos, influenciando o nosso pensar e agir.

Com base nessas reflexões, que me levaram inclusive a considerar o indivíduo como um sujeito, um corpo concreto que modifica e é modificado por sua cultura, em movimentos de constante permutação e baseado em relações de interesses, foi que comecei a projetar um estudo de como seria práticas educativas que considerem a multiplicidade de corpos da nossa realidade.

Após a minha entrada no grupo GERAJU, recebi um convite de Wivian Weller - professora e coordenadora desse grupo de pesquisa – para aprofundar os estudos sobre as relações de Gênero, Sexualidade e Juventude. Nesse contexto, que envolve a Educação e Políticas Públicas, tive contato com assuntos relacionados ao curso Gênero e Diversidade na Escola. Iniciei então algumas leituras, basicamente de autores como Guacira Louro e Michel Foucault e, a partir desses autores enveredei para um estudo sobre a educação em Sexualidades.

A luz do livro *Historia da Sexualidade I: Vontade de Saber* de Michel Foucault, passei a compreender a Sexualidade como um dispositivo de poder, que foi e ainda é utilizado por interesses de um grupo hegemônico. Esse grupo, ao longo dos anos, (re)definiu esses interesses – sempre baseados em crenças que tratam desigualmente os sujeitos – e, no que diz respeito à Sexualidade, seguem desvalorizando alguns indivíduos que não são signatários dos padrões também estabelecidos por esse grupo.

Na busca de se esclarecer os porquês de alguns "discursos sobre a Sexualidade" que tanto passaram a me inquietar, comecei a observar que " as verdades" tais como são ditas, na realidade, são bases históricas, são crenças, são valores definidos e reacendidos pela Cultura". Sendo assim, são diferenciadas e, portanto, não são concepções unificadas, aplicadas de forma igual aos indivíduos diferentes.

Com as leituras e as reflexões provocadas por elas, iniciei o desenvolvimento do estudo sobre novas possibilidades dentro da Educação, essa que também é parte do conjunto arquitetônico desse grupo. Contudo, reconhecendo que não são valores exclusivos que queremos construir em nossa sociedade, iniciei uma investigação dentro do curso GDE que tem um objetivo de formação de educadoras e educadores comprometidos com o respeito às Sexualidades.

Sei que essa temática gera incomodação, pois estamos arraigadas/dos por processos de classificação e hierarquização de sujeitos e também de suas Sexualidades. Entretanto, a meu ver, as questões interessantes são justamente aquelas que as pessoas – de modo geral – não gostam de falar, pois são essas questões que sempre querem levar-nos ao silêncio, a fim de nos aterrar a uma imutabilidade. Foi buscando encontrar novas perspectivas e imaginar outras possibilidades dentro da educação, que iniciei os estudos sobre a Educação em Sexualidades.

SEGUNDA PARTE: MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Os contextos escolares atualmente vivenciam uma preocupação de para quem se direciona o ensino. A diversidade de corpos em nossa sociedade nos traz discussões ligadas ao processo formativo das suas identidades, que é realizado em diferentes dispositivos da sociedade, inclusive no cotidiano escolar. Assim, as relações entre corpo, identidades sociais e subjetivações tornaram-se alvo das discussões que permeiam a educação na contemporaneidade.

É necessário explicitar que existe um imenso campo de problemáticas envolvidas na cadeia dessas relações, mas neste estudo será realizada uma abordagem sobre a questão do dispositivo da Sexualidade na formação de educadoras e educadores atuantes na educação formal de ensino.

Dessa forma, para compreensão e análise deste estudo, salientamos que seja considerado de quem, sobre quem e para quem este discurso se direciona: aos educadores e educadoras que utilizam a educação de forma intencional, e fazem de sua prática educativa uma forma consciente de intervenção.

Dentre as questões inerentes aos seres humanos, a Sexualidade tornou-se objeto de estudo nos mais variados campos, devido à dificuldade que gira em torno da compreensão da Sexualidade e de suas múltiplas relações. De acordo com Guacira Louro (2008, p. 27):

> Nos dois últimos séculos, a sexualidade tornou-se objeto privilegiado do olhar de cientistas, religiosos, psiquiatras, antropólogos, educadores, passando a se construir, efetivamente, numa “questão”. Com base nas mais diversas perspectivas, desde então, ela vem sendo descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada, normatizada.

No entanto, devemos nos atentar ao fato de que uma noção singular de Sexualidade vem sustentando os currículos e as práticas escolares, ainda que se reconheçam as muitas formas existentes de relacionamentos afetivos e sexuais. No geral, as instituições escolares norteiam suas ações sobre a temática, a partir de um modelo que legitima e naturaliza a heterossexualidade como padrão adequado e “normal” de se viver a Sexualidade. Dessa forma, essas instituições terminam normatizando esse modelo, assim como também processam a seguinte informação: posicionar-se fora desse padrão é torna-se um desviante, é ser excêntrico (Louro, 2008).

Nesse sentido, esse modelo heteronormativo, que é (re)produzido não somente nos contextos escolares, mas em diferentes instâncias sociais, conduz a uma estigmatização

daqueles que fogem a essa norma. Porém, reconhecendo que a educação formal é um espaço de transformação social, as novas perspectivas educacionais visam uma educação que valoriza a diversidade sexual. Sendo assim, a escola torna-se um espaço ímpar na desconstrução de práticas preconceituosas e discriminatórias que envolvem as questões de Sexualidade.

Sob esses aspectos, este estudo destina-se a realizar uma análise sobre o tema Sexualidade na formação dessas/desses educadoras/es. Para tanto, essa análise se desenvolve em um curso que tem como um de seus fins promover através da prática social, uma construção de valores que respeitem a pluralidade sexual existente em nossa realidade.

O curso analisado foi "Gênero e Diversidade na Escola", oferecido pela Universidade Aberta de Brasília através da plataforma *moodle*. Esse curso, destinado às/aos educadoras/es da rede pública de ensino do Distrito Federal, trabalhou a formação dessas/desses nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais.

Assim, para realizar a análise, foram selecionados seis educadoras/es participantes desse curso, sendo três mulheres (F1, F2, F3) e três homens (M1, M2, M3). Iniciou-se então, uma reflexão onde estruturamos este estudo, com base em postagens realizadas nos fóruns de discussões sobre a temática, fundamentada na análise de conteúdo de seus discursos.

CAPÍTULO 1

1.1 A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

A Sexualidade Humana é surpreendente, cósmica, dogmática e, sempre esteve envolta de tabus em inúmeros discursos, seja como perpetuadora da espécie humana ou pela busca inexaurível do prazer; fazendo-se presente no cerne das questões políticas; definindo, ao longo da história, comportamentos e restrições. Contudo, mesmo estando de forma orgânica, sua discussão é evitada por muitos, como se não fosse inerente a todos os seres humanos.

Compreendida por muito tempo em sentido resumido de sexo – a Sexualidade – é formulada como um fato particular, muito embora, sua produção seja social. Essa produção elegeu formas inteligíveis de concebê-la, e enraizou na sociedade a crença de que existe apenas uma forma saudável, natural e singela de vivê-la (Louro, 2008). Dessa forma, sua discussão sempre foi proposta em concordância com os interesses daqueles que estão no poder.

Devemos esclarecer que quando nos referimos aqueles que estão no poder, não se resume a um grupo seleto, ou a uma proposta de governo. Sobretudo, busco trazer uma discussão Foucaultiana:

> A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (Foucault, 1988, p.88)

Nesse contexto, podemos historicamente também observar, que a realização dessa Sexualidade sempre foi projetada para a fase adulta e que tanto sua dialética quanto o percurso até alcançar essa fase é obscuro – repleto de acordos fincados em hipocrisias – que querem nos levar ao silêncio, nos deixando assim com interrogações nem sempre respondidas. E ainda hoje nos deparamos freqüentemente com a questão da Sexualidade, sendo essa habitualmente proferida em inúmeros discursos de conclusões influenciadas pela religião, educação, classe social, região e outros fatores presentes na formação dos sujeitos.

Aqueles que se instituíram como “centro” da sociedade firmaram seus valores e seus modos de enquadrar normas e, como tal, tornaram a Sexualidade alvo também de padronização e constituíram assim um modelo “natural” de satisfazer os prazeres e encontrar os desejos (Louro, 2008). Esse modelo baseia-se na criação do homem para a mulher e vice-versa, onde a busca do prazer é atingida através da relação entre esses dois gêneros, tendo a reprodução como principal função da Sexualidade.

Porém, as intervenções científicas proporcionaram, entre outras coisas, rompimentos de paradigmas com relação à reprodução humana quando se descobriu outras maneiras de chegar à concepção da vida – como exemplo, podemos citar os bebês de proveta –, que deram a oportunidade a casais inférteis de chegar à gravidez. Essas intervenções promoveram uma verdadeira revolução na história da vida humana, pois, *a priori,* o sexo era visto como único viés para a geração de vida. Descobertas como essa, nos mostram a transitoriedade de conceitos na sociedade e, serve ainda para refletir sobre algumas produções de verdades, que na realidade vão de encontro com o momento histórico em que foram construídas.

É sabido que existe uma diversidade de sujeitos, com traços diferentes, seja de cores, de valores, de etnias e de tantas outras “marcas” que formam a identidade desses sujeitos. Nessa perspectiva, porque não considerar a existência das múltiplas formas de viver a Sexualidade? Na realidade sabemos que existem Sexualidades, mas o que se discute é a “anormalidade”, a “imoralidade” que são atribuídas a algumas formas. Na história da Sexualidade, podemos encontrar fatos que nos mostram como jogos de poder arquitetam seus discursos para assim fazerem valer seus interesses (Foucault, 1988). Se em determinados momentos históricos, a sociedade utilizou-se de mandamentos bíblicos para determinar a conduta sexual das pessoas, em outros, foram atribuídos novos sentidos à Sexualidade. Nos séculos XVIII e XIX, por exemplo, houve alterações, no sentido de que a atenção voltar-se-ia para interrogações às Sexualidades chamadas de periféricas, conforme conta Foucault:

> [...] O casal legítimo, com sua Sexualidade regular, tem direito à maior discrição, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo. (1988, p.39)

Dessa forma, chamamos a atenção para estes discursos que se utilizam de uma seqüência sexo-gênero-Sexualidade para alimentar e (re)produzir em nossa cultura um

conceito do que venha a ser o “normal” em Sexualidade. Sobretudo, neste debate, algumas produções histórico-sociais que se utilizam das “marcas de identificação” para discriminar.

No olhar para o outro se constata que existem diferenças entre sujeitos, assim a Sexualidade é uma marca também dessa diferença. A diferença (em seu sentido denotativo) não é julgada como algo de ruim, o problema está quando se faz uso dessa para categorizar e hierarquizar os diferentes, ou ainda, querer que os diferentes tenham formas iguais de viver sua Sexualidade. As produções sociais propõem padrões de viver os prazeres, de buscar e de realizar os desejos e instituem as chamadas formas “corretas”.

> As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado,especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. (Louro, 2007, p. 09)

Esses debates iniciados na década de 60 se intensificaram posteriormente e continuam crescendo. As “verdades” sobre a Sexualidade, de existir apenas o modelo heterossexual de vivenciar prazeres, de patamares estáticos passaram a ser relativizados (com movimentos que consideram o contexto) e, assim nos leva a refletir que dadas produções históricas são efêmeras. E questões ligadas às funções e papéis sociais também fazem parte dessa conjuntura de modificações, assim como, a promoção da diversidade sexual que traz uma metamorfose na noção de gênero[4].

Contudo, o senso comum ainda considera o gênero, que também é uma construção social a partir do biológico, como se fossem apenas duas proposições (de masculino e de feminino), desconsiderando a existência, por exemplo, daqueles que nascem com os dois sexos. Logo, as questões de gênero possuem uma complexidade que vai além desse simples binarismo. Nessa perspectiva, podemos inferir também que existem múltiplas identidades de gênero e a Sexualidade, antes compreendida apenas em sua função reprodutora, passou a ser compreendida em uma função subjetiva ligada ao campo das emoções e da manifestação do corpo na busca de realização pessoal.

Assim, essa Sexualidade em comunhão com a satisfação, começa a considerar outras formas de vivê-la e, se abordamos apenas o fator biológico, reduziremos o campo subjetivo das emoções e sentimentos apenas ao campo físico:

---

[4] Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (SCOTT, 1988, p. 75).

> [...] A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. (Louro, 2007, p.11)

A partir desta consciência de que a cultura timbra em nossos corpos não somente os nossos comportamentos, mas também nossas identidades; torna-se interessante analisar que produções de Sexualidade são feitas nesses sujeitos, de forma que se privilegia um grupo escolhido como centro e coloca à margem outras Sexualidades, tornando os participes dessas “periféricos”, nomeando-lhes desviantes, como aqueles que fogem à condição “natural”: a heterossexualidade.

1.2 MARCAS

Criamos identidades a partir de “marcas” que circunscrevem em nossos corpos, marcas que são verdadeiras produções da cultura da qual fazemos parte. Mas, que marcas são essas as quais nos são dispostas e ao mesmo tempo nos carimbam?

São os pés, as mãos, os cabelos, os olhos, as cores, as faces e todos os elementos que dão forma a um corpo, assim como, a etnia, a religião, a classe social, a educação, demais instituições e, acordos presentes na cultura de cada sociedade que fazem parte destas convenções (marcas) estabelecidas para categorizar e definir alguém. Conforme afirma Louro (2008, p. 75):

> Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e idéias da cultura.

Essas marcas funcionam como catalisadoras de informações utilizadas em classificações, hierarquias e ainda categorias. Entre elas, encontra-se o gênero (feminino/masculino), definido comumente pela marca biológica do corpo. Entretanto, Louro (2008, p. 76) ainda diz que:

> É um engano, contudo, supor que o modo como pensamos o corpo e a forma como, a partir de sua materialidade, “deduzimos” identidades de gênero e sexuais seja generalizável para qualquer cultura, para qualquer tempo e lugar.

Devemos nos atentar, sobretudo, de como a cultura influencia no comportamento marcado pelas definições normatizadoras. Assim, não se pode dizer que os valores e costumes são iguais em todos os contextos. Em determinadas culturas, por exemplo, o casamento é poligâmico, enquanto que na cultura ocidental de modo geral é monogâmico. A Sexualidade enquadra-se nessa variância cultural, de modo que, a conduta da Sexualidade se faz em pactos firmados na sociedade. Assim, torna-se importante frisar que as marcas são mutáveis e manipuláveis – principalmente – quando atuam os interesses de poder.

Considerando a preocupação com o corpo acentuada no século XXI, observemos como seu estudo tornou-se alvo em diferentes instâncias da sociedade: religião, medicina, educação, economia e mídia. Esses são exemplificadores de instrumentos que fazem uso de proposições, seja pelas questões de saúde e bem estar, ou pelas difusões da busca insaciável pelo corpo perfeito e a busca pelo belo, presentes nas dinâmicas de jogos de poder.

A Educação em Sexualidade que grassa em nossas escolas é repleta dessas marcas – que, uma vez adequadas a padrões – se dissipam como se fossem originários de uma vontade própria. No entanto, essas adequações, são frutos de produções históricas que se instituíram pelos jogos de poder de uma sociedade hegemônica e elas continuam se perpetuando através de uma herança ainda adaptada a discursos convenientes, circunstanciados em padrões binários. Esses padrões se fazem presentes por conspirações da sociedade instituída como "centro", tendo como seu modelo padrão o homem, branco, cristão, heterossexual e, através de suas proposições utilizam de equações binárias como fêmea/macho, menina/menino, mulher/homem, heterossexual/homossexual para deixarem à margem aqueles "desviantes" dos padrões postulados. Louro (2007, p. 18) sustenta que:

> [...] possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia-a-dia, a experienciais comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual.

Nessa perspectiva, a escola como umas das engrenagens na formação de sujeitos processa sua escolarização de produção em Sexualidade, engessando no corpo o enquadramento (feminino ou masculino), em concordância com sua aparência biológica, ou seja, a partir de uma dimensão física é que se processa a representação de homem e de mulher.

Construídas de formas diferentes, essas representações, seqüenciam uma lógica de que o homem se torna homem, à medida que se submete as atividades e comportamentos para tal, contudo espera-se que o homem goste de esportes, seja racional, bravo, corajoso, viril. Enquanto que as construções do ser feminino são realizadas de forma contrária a do masculino, e se constroem em uma imagem de sensibilidade, de afabilidade, de beleza e de suavidade. Segundo (Corrigan,1991, apud Louro 2007, p.17):

> [...] destaca sua entrada numa grande escola particular inglesa: "O primeiro dia ficou impresso com horror para o resto de minha vida", diz ele, "as regras de *Aske* [o nome da escola] permitiam – para bem produzir o menino – formas legitimadas de violência exercidas por alguns garotos (*senior* ou maiores sob alguns aspectos) sobre 'novos'". Conforme ele conta, a "produção do menino" era um projeto amplo, integral, que se desdobrava em inúmeras situações e que tinha como alvo uma determinada forma de masculinidade. Era uma masculinidade dura, forjada no esporte, na competição e numa violência consentida.

Implantados no decorrer de nossas vidas – os códigos – fazem da identificação um produto da diferença. As demarcações postuladas na divisão binária são postas como um encaixe perfeito e colocadas dentro de um padrão normal e natural. A simbologia rosa e azul é constituída de cores sinalizadoras que representam signos dessa divisão.

Louro (2007) ressalta a importância que a escola tem na formação das identidades. A questão é que os signos utilizados como meio dessa identificação são refletidos em marcas. É, por exemplo, o menino que deve gostar de futebol, ter emoções contidas, ser lógico, ser chefe da família, ser "durão". E, essas noções cultuadas em nossa educação como uma verdadeira espécie de marcação da face masculina, assim como, na figura feminina se configura uma imagem de delicadeza, de fragilidade, de áurea emotiva, com trajes que melhor se ajustem ao corpo. Conseqüentemente as pedagogias utilizadas para a educação desse corpo se apresentam em uma produção social. De acordo com Louro (2007, p.25):

> A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades. Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodiciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou "jeitos de viver" sua sexualidade e seu gênero.

Nesse sentido, existe uma construção que se arraigou e que arvorece em todos os contextos da sociedade, impetrando uma congregação dos gêneros (Mulher e Homem), sugerindo formas fixas de viver a Sexualidade que surgem a partir de um relacionamento desses gêneros. Assim, qualquer um que não seja signatário desse relacionamento "padrão", é considerada/o desviante, anormal e excêntrica/o ao padrão estabelecido, que é heterossexual e essas pessoas, por sua vez, entram em várias classificações, como espécies sexuais "diferentes".

Todas essas classificações são utilizadas como dispositivos que num primeiro momento servem para verticalizar Sexualidades, ao passo que, esses mesmos dispositivos são usados na discriminação e censura desses sujeitos – desviantes – que geralmente são enquadrados como sujeitos que não se ajustam e não se aceitam em seu próprio corpo. Se a menina não gosta de usar roupas consideradas femininas e quer jogar futebol é porque essa menina quer ser um menino, assim como, se o menino gostar de bonecas é porque ele quer ser "mulherzinha". É seguindo essa forma de divisão binária que a sociedade trabalha as marcas nos corpos,

comportamentos, linguagens e demais eixos de marcação. Na Unidade do dispositivo, conforme afirma Foucault(1988, p. 82):

> [...] O Poder sobre o sexo se exerceria do mesmo modo a todos os níveis. De alto a baixo, em suas decisões globais como em sua intervenções capilares, não importando os aparelhos ou instituições em que se apóie, agiria de maneira uniforme e maciça; funcionaria de acordo com as engrenagens simples e infinitamente reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal à quinquilharia das punições quotidianas, das instâncias da dominação social as estruturas constitutivas do próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder. Essa forma é o direito, com o jogo entre o lícito e o ilícito, a transgressão e o castigo.

São através dos dispositivos utilizados em todos os espaços em que se organiza a cultura e a sociedade, que o poder utiliza das marcas para realizar sua obra prima: a maquiação dos interesses de poder.

1.3 O CURRICULO

A discussão sobre currículo em Sexualidade proposta neste estudo baseia-se nos estudos *queer*. Mas o que é *queer*? Por que trabalhar com a proposta *queer*? E, por último, o que um currículo *queer* propõe?

De início, faz-se necessário compreender a etimologia da palavra *queer***.** O termo *queer* é usado para designar aquilo que não é definido como natural, é o diferente, é o incomum, é o esquisito. "*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais" (Louro, 2008, p.38).

Nesse panorama, um currículo *queer* é estranho, pois é imbuído daquilo considerado anormal, constrói-se em uma lógica transgressora – subversiva – sobretudo questiona uma ordem estabelecida em torno do que é considerado normal. Segundo Louro (2008) o termo inglês *queer*, etimologicamente, refere-se aos estranhos, aos sujeitos "diferentes", aos homossexuais e, abarca em sua nomenclatura todas as expressões como viadinho, boiola, bicha e sapatão.

> A expressão, repetida como xingamento ao longo dos anos, constitui-se num enunciado performativo que fez e que faz existir aqueles e aquelas a quem nomeia. Perfomativamente, instituiu a posição marginalizada e execrada. A posição que teria de ser indesejada. No entanto, virando a mesa e revertendo o jogo, alguns assumiram o queer, orgulhosa e afirmativamente, buscando marcar uma posição que, paradoxalmente, não se pretende fixar. Talvez fosse melhor dizer buscando uma disposição, um jeito de estar e de ser. Mas do que uma nova posição de sujeito ou um lugar social estabelecido, queer indica um movimento, uma inclinação. Supõe a não acomodação, admite a ambigüidade, o não-lugar, o trânsito, o estar-entre. Portanto mais do que uma identidade, queer sinaliza uma disposição um modo de ser e de viver. (Louro, 2008, p. 142).

Nesse sentido, esse currículo "estranho" ao qual me refiro é escolhido pelo fato de sua proposta ser formulada no contexto da diferença. É, sob basilares que estão fora do centro, que sustento este discurso para analisar as construções do batizado padrão normal. Assim, conforme argumenta Seidman:

> A teoria queer constitui-se menos numa questão de explicar a repressão ou a expressão de uma minoria homossexual do que numa análise da figura hetero/homossexual como um regime de poder/saber que molda a ordenação dos desejos, dos comportamentos e das instituições sociais, das relações sociais – numa palavra, a constituição do self da sociedade. (Seidman,1995, apud Louro 2008, p.46)

Dessa forma, uma proposta de currículo *queer* traz uma perspectiva interessante: o que entra em questão não é o julgamento do bem ou do mal, nem tampouco responder o correto ou o incorreto, trata-se de uma proposta cuja finalidade não é declarar um veredicto final de

quem é inocente ou de quem é culpado. Esse currículo, em sua discussão sobre Sexualidade, traz uma reflexão sobre construções de discursos onipresentes ancorados na lógica binária que é realizada em torno de marcas produzidas na sociedade.

Se quisermos nos distanciar dessa lógica que trata a Sexualidade a partir da seqüência "sexo-gênero-Sexualidade" é fundamental que tenhamos um olhar desamarrado das proposições que nos são produzidas.

Assim, para compreender essa proposta de currículo, é importante ressaltar que não se trata de estudar outras Sexualidades, ou mesmo, atacar a heterossexualidade, a reflexão que trago sobressalta as políticas afirmativas, pois se baseia em um currículo que busca não impor padrões ou afirmar formas fixas, mas, sobretudo, pretende-se *a priori*, estranhar a verticalização construída em códigos binaristas e, assim proporcionar um diálogo cético sobre as hierárquicas produções de Sexualidades arraigadas em nossa sociedade. Tendo, portanto, um caráter político, pois não está submetida aos regulamentos ou imposições; as argumentações que são sugeridas objetivam alcançar novas circunstâncias.

É através de um estranhamento *queer* que possíveis perguntas poderão mostrar como os jogos de poder afirmam seus discursos, como aceitamos e como acomodamos as proposições que são construídas. Com esse currículo pretende-se realizar meios para desconcertar essa lógica binarista perversa, que atribui normalidade a heterossexualidade e usa do (in)visível preconceito para justificar hierarquias, para excluir, para discriminar, para culpar, para julgar, e ainda para ferir a dignidade humana daqueles que não estão no centro "normativo" e "natural". Sobre as pretensões *queer* Louro afirma que:

> [...] A Expressão indica o espaço da diferença que não quer ser integrada; uma diferença constituída por sujeitos que se colocam contra a normatização venha de onde vier, ou seja, que se colocam contra a evidente normatização da chamada sociedade "mais ampla" e também contra a normatização que se faz no contexto das lutas afirmativas das identidades minoritárias. (2008, p. 143)

Nesse sentido, o currículo *queer* apresenta-se com uma proposta repleta de interrogações a respeito das proposições normatizadoras a partir de uma ótica desconstrutora das mesmas. Essa desconstrução, segundo Louro (2008), se aproxima das vertentes pós-estruturalistas, com recorrências a Lacan, a Foucault, a Derrida, e esses por sua vez, vinham a questionar imposições dentro da sociedade. O currículo *queer* em Sexualidade é a desconstrução de um modelo heteronormativo da sociedade que o admite de forma intocável e involuntária.

Conscientes de que esse modelo heteronormativo é uma invenção da sociedade, o estudo *queer* indaga as bases ajustadas do "natural" e busca, contudo, investigar as diretrizes do sistema montado para justificar e sustentar o modelo normativo de Sexualidade, que nos

marca e programa sua ordem de natureza, de verdade, do que é tolerável e do que é correto. Enquanto que as “outras Sexualidades” são as periféricas e suas práticas devem ser contidas; demonstrações de marcas “anormais” não devem ser demonstradas em todos os lugares – devem ser reservadas – pois causam um desconforto aos olhos de uma sociedade viciada em preconceitos.

Desde o século XIX (onde ocorreram as invenções de outras Sexualidades) até a contemporaneidade, é notória a crescente visibilidade dessas Sexualidades com o advento de lutas travadas no século XX. Lutas essas que retiraram a mudez não somente desses grupos, mas de todos aqueles antes silenciados e conduzidos à margem do centro, conforme afirma Louro sobre a abertura das transformações que se apresentam nos dias atuais:

> Este ambiente de transformações aceleradas e plurais, que hoje vivemos, parece ter se intensificado desde a década de 1960, possibilitado por um conjunto de condições e levado a efeito por uma série de grupos sociais tradicionalmente submetidos e silenciados. As vozes desses sujeitos faziam-se ouvir a partir de posições desvalorizadas e ignoradas; elas ecoavam a partir das margens da cultura e, com destemor, perturbavam o centro. Uma outra política passava a acontecer, uma política que se fazia no plural, já que era – e é – protagonizada por vários grupos que se reconhece e se organizam, coletivamente, em torno de identidades culturais de gênero, de raça, de Sexualidade, de etnia. O centro, materializadas pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média, passa a ser desafiado e contestado. (Louro, 2003, p. 42)

Todas essas conjecturas proporcionaram condições para que essas Sexualidades adquirissem suas formas antes negadas e que hoje se mostram de maneira ubíqua; sem escolher um gênero, uma religião, uma raça, uma classe social e, se faz presente de forma natural em todas as camadas sociais. O problema é que o currículo atual ainda encontra paradigmas não superados; os interesses de poder continuam a criar novas necessidades e insistem em (re)afirmar produções históricas determinadas e, constituídas não por um único autor, mas por todos aqueles/as que usam o que lhes é implementado – acomodado –, para assim (re)produzir novas formas e marcas inventivas de manter um sistema “verdadeiro”,“ natural” e “normal”.

Nesse contexto, apresenta-se um desafio às/aos educadoras/es: construir um currículo, uma pedagogia emancipatória, no sentido de ultrapassar os modelos convencionais, pois o que não se busca é o encaixe nas normas, pois não é pretensão *queer* semear ou educar corpos para seguir um modelo único de normalidade. De acordo com Louro (2008) uma nova movimentação no que diz respeito à educação. E afirma também que:

> [...] Isso supõe um movimento de abandono das regras da prudência, da ordem, de sensatez. Isso implica perturbar a familiaridade do pensamento e pensar fora da lógica segura. As questões que passariam a nos mobilizar seriam, fundamentalmente, aquelas que indagam como um saber se constitui e como outro

> saber não se constitui (ou não consegue se constituir); como funcionam, nesse jogo de afirmações e de negações, as relações de poder. (Louro, 2008, p.71)

A proposta de currículo em Sexualidade dirigida às/aos professoras/es é que busquem sua essência curiosa, questionadora, ainda que não acomodem proposições de verdades sem investigações. Sob esse argumento sugiro a construção de uma proposta em um currículo *queer* que promova, sobretudo, um desejo de conhecer, que parta não da aceitação de discursos nocivos aos valores da eqüidade entre corpos, mas de um incômodo, de um estranhamento, de uma análise distanciada das premissas invocadas por aqueles que dizem ser o “centro”, pois é no contexto dos “diferentes” que possibilidades poderão tomar formas de promoção à pluralidade de sujeitos, trazidas na diversidade dos corpos em suas múltiplas Sexualidades.

1.4 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADES

A educação enquanto função social de formar indivíduos está atrelada a questões que extrapolam transmissões de conteúdos, busca-se uma percepção de mundo, de modo que seja possível desenvolver o educando para interagir com o meio em que vive com autonomia e responsabilidade. Nesse sentido, educadoras/es tem a difícil tarefa de propiciar uma educação que alcance diferente grupos discentes. Sob esses aspectos, se faz necessário refletir sobre relações desiguais presentes no espaço escolar. Na questão da Sexualidade, por exemplo, como é possível considerar Sexualidades se enxergamos a partir de uma ótica enviesada pela heteronormatização? Ou ainda, se construímos um modelo de educação ancorado em marcas biológicas nos corpos?

Para responder essas interrogações, este capítulo se baseia em aspectos de teóricos *queer*, que por sua vez, sugerem um caminho que trabalha não propriamente com a questão de aceitação de grupos tidos como "diferentes", nem tampouco com novo modelo normativo, entretanto, sugere-se trabalhar com a desconstrução de lógicas arquitetônicas que produzem as classificações e as hierarquias entre sujeitos. Segundo esses teóricos, a diferença não é algo reconhecidamente ruim, visto que todos os sujeitos são naturalmente diferentes, diz Louro:

> [...] Segundo os teóricos e teóricas queer, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. (Louro, 2008, p.45)

Para compreender a lógica de construções de diferenças, precisamos relacionar a questão da diferença à questão cultural. E, cabe ressaltar a relevância de compreender a produção de identidades dos corpos, identidades essas que são culturalmente diferenciadas.

Stuart Hall (2000) explica que identidades são construídas dentro e não fora do discurso e que precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, Stuart Hall (*ibid*.) ressalta que elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade naturalmente constituída, de uma "identidade" em seu sentido tradicional, ou seja, uma mesmice que inclui uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Nesse sentido, tanto o processo de subjetivação quanto as identidades dos sujeitos estão engendrados por meio de aspectos culturais – através de seus sistemas de signos – produtores de significados germinados em sistemas de poder.

Uma pedagogia *queer* não opera na subversão da seqüência sexo-gênero-sexualidade, sobretudo não incorpora a pretensão de um sujeito unificado, imutável, de uma única identidade. Mas, subverte ao seu currículo a existência de múltiplas identidades, assim como uma multiplicidade de corpos. Segundo Louro (2008, p.48):

> Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocarem em discussão as formas como o "outro" é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentindo, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam.

Dessa forma, a normalização da heterossexualidade, fincada em matriz de entendimento "natural", assim como, a sua sobreposição seria questionada, visto que todos os sujeitos são diferentes; entretanto, todos constituintes da categoria "ser humano". Assim, teríamos um processo, por exemplo, sem a legitimação da heterossexualidade e marginalização da homossexualidade. Portanto, trata-se de uma dimensão que não se encaixa em normas de assimetrias de poder, formadas por marcas não só no campo da Sexualidade, mas em todos os grupos de raça, de gênero, de camada social e, de forma geral, de todo modelo cultural em que se adotam os binarismos dentro/fora das normas, que tem como conseqüência disso intolerância a determinadas práticas sexuais, como, por exemplo, a homofobia. Segundo Louro (2007, p. 29):

> Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse "contagiosa", cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade.

Nessa perspectiva, uma pedagogia *queer* revela-se uma importante proposta de educação no combate à homofobia (dentro e fora da escola), sobretudo, os processos de discriminação que, por causa da intolerância à diferença, permanecem fazendo vítimas seriam abordados dentro de um campo educacional de diversidade de sujeitos. Sob esses aspectos, essa pedagogia é política, pois traz uma concepção de educação em Sexualidades que tem

propósitos de transgredir os modelos convencionais de educação vigentes. Por conseguinte, traz a diferença entre sujeitos como regra e não como exceção.

Assim, “tal pedagogia não pode ser reconhecida como uma pedagogia do oprimido, como libertadora ou libertária” (op.cit., p.51). Ela escapa de enquadramentos. Pois, evita operar com os dualismos, que acabam mantendo a lógica de subordinação.

Uma pedagogia em Sexualidades não traz fórmulas prontas, não revela *práxis* pedagógicas padronizadas, o que se exige das/dos educadoras/es é que o ponto de partida não seja as respostas, mas as perguntas. A sinalização é a interrogação, e é no desconforto de tal premissa que essa pedagogia se baseia. Não obstante, provoca um olhar desconfiado em falácias de discursos produzidos nos/pelos jogos de poder. Para Louro, a idéia de movimentação traz aspectos positivos, pois provocam novos posicionamentos.

> [...] Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas, em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar. (Louro, 2008, p. 52)

Assim, essa pedagogia sugere rearranjos de posicionamentos, ao invés de se aterrar a solos fixos. Propõe uma reflexão de um modelo que não privilegie determinado grupo, mostra-se uma proposta desafiadora, intrigante, possibilitando o rompimento de paradigmas que foram edificados na sociedade.

Uma pedagogia *queer* oferece ainda possibilidades de Educação em Sexualidades, na medida em que propicia às pessoas que não sejam julgadas como sujeitos fora de uma norma. Essa educação abarcaria uma universalização de ensino, não se firmando dentro de uma unidade que produz corpos marcados pela heteronormatividade. Portanto, leva educadoras/es a refletirem sobre dicotomias – sobretudo, assimetrias de poder – e revela-se uma educação para todos, com uma narrativa de todos os sujeitos.

CAPÍTULO II

2.1 SOBRE O CURSO

Neste capítulo se desenvolve uma análise na formação de educadoras/es sobre Sexualidade. A análise se constrói com base na segunda turma do curso Gênero e Diversidade na Escola, realizado no segundo semestre de 2009. Esse curso foi oferecido aos profissionais da Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) pela Universidade de Brasília/UnB, através do Grupo de Pesquisa GERAJU – Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude, da Faculdade de Educação.

A partir de um reconhecimento que especificidades de processos discriminatórios devem ser analisados sob iluminação dos direitos humanos, o curso Gênero e Diversidade na Escola/GDE teve uma proposta ambiciosa, de contribuir para a formação continuada de educadores, acerca das questões de gênero, relações étnico-raciais e diversidade de orientação sexual e, sobretudo, criar um projeto que torna intolerante a discriminação dentro e fora da escola.

O curso GDE originou-se de uma iniciativa da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM) e do Conselho Britânico em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC), a Secretaria de Ensino a Distância (SEED-MEC), a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), além das secretarias de educação, participaram também as coordenadorias da mulher e os movimentos sociais dos estados e dos municípios participantes.

O GDE integra a Rede de Educação para a Diversidade do Ministério da Educação, e foi oferecido na modalidade de educação à distância (via plataforma *Moodle*, da UAB/UnB), com cinco encontros presenciais que totalizaram 40h, teve duração de treze semanas, com carga horária total de 200h/aulas.

O curso foi distribuído em cinco Módulos de Estudo, com o objetivo de realizar uma formação continuada em gênero, raça e orientação sexual para profissionais da educação básica da rede de ensino público do Distrito Federal; dentre os módulos estão os de Diversidade, Relações Etnico-Raciais, Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual.

Sob a proposta de trabalhar com (des)construção de valores, a metodologia desenvolvida para as/os cursistas foi realizada por meio de: discussões nos fóruns; registro

dos conhecimentos prévios (no início de cada módulo); leitura dos textos[5] sobre o tema; consultas aos materiais completares indicados por *websites*, vídeos, livros e artigos, discussão de caso (relacionando com os textos estudados) e registro dos conhecimentos adquiridos (promovido no final dos módulos).

[5] Disponível nas referências bibliográficas

2.2 CARACTERIZAÇÃO

Para a elaboração desta análise foi fundamental o ambiente virtual dos fóruns de discussões, presentes no módulo "Sexualidade e Orientação Sexual", do curso Gênero e Diversidade na Escola.

A análise desses fóruns é realizada com base no método Análise de Conteúdo. Segundo Martin Bauer (2002, p.192), esse método "é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada". Basicamente, o método citado parte do próprio texto, buscando analisar o discurso, considerando os dispositivos de construção do *corpus* do texto. "Se enforcamos a fonte, o texto é um meio de *expressão"*, "Fonte e público são o contexto e o foco de inferência" [6]. Nesse sentido, as postagens *online* são documentos que nos mostram posicionamentos de educadoras/es diante das questões trabalhadas. A análise é feita, de modo geral, através do contexto da fala e não em uma verificação de sentidos que o discurso produz. Desse modo, a Análise de Conteúdo proporciona a este estudo – através de informações contidas nas mensagens postadas – que seja elaborada uma percepção de como se deu a formação das/dos educadoras/es analisadas/dos, sobretudo, de como lidam com a questão da Sexualidade. Interessa-nos analisar as falas das/dos educadoras/es, sejam elas dissonantes ou concordantes ao tornar inteligível a diversidade sexual humana.

O modulo "Sexualidade e Orientação Sexual" teve uma duração de três semanas e foi distribuído em três unidades temáticas. A primeira unidade Sexualidade, educação e cultura: múltiplas relações visou compreender a Sexualidade como um processo de construção social, histórico, coletivo e educacional.

A segunda unidade Sexualidade na escola teve por objetivo compreender a sexualidade com um processo de aprendizagem em diferentes instâncias sociais e culturais, bem como a concepção do tema em questão presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, de forma que fosse possível estabelecer uma posição crítica sobre a relação entre Sexualidade e Educação.

A terceira e última unidade postulada de Sexualidade e Orientação sexual: direitos e movimentos sociais buscou iluminar a interpretação sobre a orientação sexual; com o objetivo

---

[6] Idem, Ibidem, p. 192

de localizar as tensões/omissões presentes na escola, e as possibilidades de educação que tenham como compromisso a igualdade e o respeito à diversidade.

A avaliação das/dos educadoras/es no módulo foi realizada a partir de atividades de leitura e registros individuais, em cada unidade semanal. Assim, é importante ressaltar que as discussões propostas são orientadas a partir da leitura de textos presentes no desenvolvimento dos módulos.

Na primeira semana de atividade houve espaço para o registro dos conhecimentos prévios e um fórum para discussão de textos oferecidos na unidade. Já na segunda, a atividade utilizada foi a realização de dois fóruns: um para a discussão dos textos e outro para discussão do filme *Milk*. Na terceira semana, houve atividades de registro dos conhecimentos adquiridos e um fórum para discussão dessa unidade.

2.3 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Para alcançar os objetivos estabelecidos, foram selecionados seis educadoras/es no total de 180 que participaram do curso de formação continuada Gênero e Diversidade na Escola no segundo semestre de 2009.

Os sujeitos selecionados fazem parte de uma das quatro turmas que participaram do curso, sendo três do gênero feminino e três do gênero masculino. A fim de resguardar as/os educadoras/es seus nomes aqui são todos fictícios.

Os motivos que levaram à escolha dessas/desses educadoras/es foram diversos. Para que fosse possível apreender diferentes pontos de vista com relação à questão da Sexualidade ; a categoria gênero foi o ponto de partida – com intuito de refletir a relação de opiniões diferenciadas entre gêneros – os discursos diferentes no ambiente *online* também se constituíram em um critério, pois as postagens nos fóruns revelaram diferentes posicionamentos entre educadoras/es.

Nessa perspectiva, durante a análise buscou-se a presença de discursos antagônicos – por meio de opiniões, questionamentos e argumentos.

2.4 BREVE APRESENTAÇÃO DOS ATORES DOS DISCURSOS

A ótica de análise desta monografia volta-se para as postagens *online* de educadoras/es que foram codificados aqui como F1, F2 e F3 (gênero feminino) e M1, M2 e M3 (gênero masculino).

Na primeira semana, as/os educadoras/es foram recepcionadas/os, e convidadas/os pela tutora do curso a se apresentarem, relatando suas expectativas sobre a temática desenvolvida. Baseadas nas postagens de apresentação, eis algumas informações dos sujeitos desta análise:

A primeira educadora, nomeada aqui de F1, não informa muitas características a seu respeito. Diz que está muito feliz por ter sido contemplada com o curso e conta que espera aprender e compartilhar as experiências. Diz ainda como seria a troca de experiências: "espero poder compartilhar as experiências e aprender umas com as outras sobre Gênero e Diversidade na Escola". Por fim, F1 ressalta a relevância do tema em tempos de inclusão.

A segunda educadora é F2, professora da Secretária de Educação há 13 anos, graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia. Ela informa que sempre trabalhou em comunidades carentes e com diferentes tipos de problemas. F2 diz que os cursos sempre lhe auxiliam e que seu interesse pelo curso foi a partir de um fato que aconteceu em sua graduação, momento no qual realizou um trabalho em uma disciplina de Sociologia, cujo tema era Dinâmicas de Relação de Gênero na Escola. Ela conta que foi um trabalho maravilhoso e que fatos corriqueiros a chamaram a atenção. Também disse que não devem existir preconceitos e descriminações. Segundo F2, "principalmente em um lugar que tem como objetivo principal promover a Educação e a Cidadania".

F3, a última educadora do gênero feminino é orientadora Educacional. Ela relata que é nova na Secretária de Educação do Distrito Federal e que é a primeira vez que realizou curso via Internet. Conta a necessidade de se ter mais disciplina – por se tratar de um ambiente *online* – e que acredita na contribuição do curso para sua aprendizagem e crescimento enquanto pessoa.

O primeiro educador do gênero masculino é M1, e ele relata que é cearense, casado e que teve dois filhos (um deles já falecido). Professor há 18 anos, pedagogo e pós-graduado em psicopedagogia, informa que já participou de vários cursos de extensão, que já trabalhou em escolas particulares no Ensino Regular e agora atua no Ensino Especial – na SEEDF, com contrato temporário. Ele atende alunos com TGD – Transtorno Global de Desenvolvimento

(Autistas) – e diz que se identifica com seu trabalho. Diz amar sua terra natal, que dela não pode esquecer-se e relata que ama a sua família: “curto o meu lindo filho, minha esposa, minha casa, meu quintal: Patos, galinhas, pássaros!”. M1, ainda conta que gosta de músicas, filmes e futebol e, com relação ao curso, mostra-se com grandes expectativas, e diz que pretende ampliar seus conhecimentos e trocar muitas idéias.

O Segundo educador do gênero masculino é o M2, formado em Artes Visuais e professor da Secretária de Educação do Distrito Federal há cinco anos. Confessa que ainda é novo, mas que teve um interesse peculiar em participar do curso que muito chamou a atenção para abrir um diálogo positivo sobre a diversidade, pois a mesma está presente no dia-a-dia de educadoras/es. Sobre o ambiente *online* M2 informa: “ainda caminho um pouco tímido por estas paragens virtuais”.

Nosso último educador é o M3 que inicia sua apresentação realizando uma pergunta: “Mas o que é mesmo ser homem?”. Logo em seguida diz que é uma pergunta fácil, mas de difícil resposta, e afirma que espera que o curso o ilumine para não dificultar mais a resposta, mas também para dificultar a pergunta. M3 diz ser homem, macho, do sexo masculino e que tem 40 anos. É formado em Ciências Sociais, pai de quatro filhos e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

CAPÍTULO III

3.1 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE

A análise promovida aqui é elaborada com base na combinação do referencial teórico proposto na primeira parte deste estudo, em concomitância com a uma reflexão empírica realizada nos fóruns *online*, na qual se demonstram diferentes visões dos/das professores/as.

Nessa perspectiva, pretende-se comparar e observar os posicionamentos das/dos educadoras/es que participaram do curso de formação Gênero e Diversidade na Escola. É importante salientar que para este estudo foram selecionadas apenas algumas das mensagens postadas, e que foram transcritas literalmente, sendo aqui apresentadas somente as que explicitaram conteúdos relacionados ao tema.

Verificamos então, as participações dos sujeitos analisados em cada fórum (discussão) do curso, e estruturamos esta análise em dois níveis. Abaixo, seguem breves descrições desses:

O primeiro nível de análise – Premissas valorativas – foi realizado a partir da compreensão de que a escrita é uma das formas de expressar a nossa opinião. Pretende-se verificar pelas postagens as impressões e diferentes posicionamentos dessas/desses professoras/es, buscando-se revelar distintos valores e percepções sobre a temática entre os sujeitos analisados.

O segundo nível – Síntese conclusiva: análise refletida dos posicionamentos – parte do pressuposto de que as percepções, assim como os valores instituídos na sociedade, podem possuir uma mutabilidade e serem (re)configuradas de acordo com a movimentação. Por conseguinte, neste nível de análise foi feita uma investigação se ocorreram modificações entre os posicionamentos e os (pré)conceitos apresentados pelas/pelos educadoras/es.

3.2 PREMISSAS VALORATIVAS

Conforme mencionado anteriormente, a análise empírica foi dividida em dois níveis. Esta parte da análise prioriza identificar e verificar, a partir de postagens dentro do curso *online*, distintos valores e opiniões acerca da temática de Sexualidade.

A fundamentação teórica trabalhada no curso GDE incita educadoras/es a se questionarem sobre a perspectiva dos significados atribuídos aos gêneros e Sexualidades timbrados e maquinados pelos jogos de poder..

Assim, seguem as postagens[7], das/dos educadoras/es – a partir do pressuposto de que as/os mesmas/os tenham realizado as leituras indicadas no curso, nas quais se sugere que tanto as questões de Gênero como as de Sexualidade se circunscrevem culturalmente e que, portanto, as/os educadoras/es devem estar atentas/os para a historicidade e caráter transitório das relações que envolvem tais questões – e, na seqüência, as considerações correspondentes ao primeiro nível de análise: Premissas valorativas.

No discurso da primeira educadora – F1 – sobre postagens dos textos da unidade I, podemos observar os princípios que regem seu posicionamento acerca de Sexualidade em sua dimensão conceitual, de diversidade e de discriminação. F1 nos diz:

> *"No texto da plataforma, onde o direito sexual é mencionado, podemos de imediato tirar uma conclusão: Isso não se discute! Pois é lei, esse direito de opção e escolha. A discriminação e preconceito geram desconforto para o agente passivo e a cada dia vemos casos disso, nós como educadores e formadores de opiniões temos a dura tarefa de amenizar tal conflito e a partir dai promover dentro desse assunto (sexualidade) uma consolidação educativa e eficaz.*
> *"A sociedade organizada, obviamente por pessoas, não se pode fugir desse tema que querendo ou não faz parte das sociedades desde o princípio (bíblico), "..crescei e multiplicai...." se hoje isso é visto como um problema, creio que a forma insana pelo qual a sexualidade sempre foi tratada (pornografia, mal uso do corpo como comércio e libertinagem ou simplesmente irracional) gerou nas pessoas que se preocupam com o bem estar geral da sociedade (família), fórmulas de como educar sem ferir a Lei do País.*
> *A forma cultural que fomos e somos educados, é o que marca nosso agir dentro da sociedade, mas isso falha, e vemos casos assombrosos dentro da nossa sociedade comum, ou até mesmo dentro das famílias. Se relacionarmos casos de preconceitos e violência dentro desse tema, nos desestimularíamos a sermos agentes de modificação, mas nossa profissão e cursos como este, nos mostra um luz que é possível criar um mundo melhor, mais educado e principalmente respeitador do direito do outro."*

---

[7] http://uab.unb.br/moodle/course/view.php?id=664 (acessado em janeiro/2011).

De acordo com a fala de F1 e, a partir de um olhar focalizado no conteúdo do seu primeiro discurso sobre a temática de Sexualidade, nos chama atenção em sua argumentação, o fato de que ela conclui que o direito sexual mencionado nos textos não deve ser discutido, pois se trata de lei. Diz ainda que esse é um "direito de opção e escolha", ou seja, ela não discute o fato da Sexualidade ser um direito, mas compreende a mesma como algo que se escolhe, muito embora nos primeiros textos trabalhados no curso seja informado às/aos educadoras/es que nenhuma Sexualidade seja natural ou espontânea.

Ela ressalta também, que educadores como formadores de opiniões têm a dura tarefa de amenizar conflitos de discriminação e preconceitos, e que não há como fugir do "tema que querendo ou não faz parte das sociedades desde o principio bíblico". F1 nos relata que se hoje o princípio "crescei e multiplicai" é tido como problema, isso se atribui a uma forma insana pela a qual a Sexualidade incessantemente foi tratada e que essa forma gerou inquietação nas pessoas preocupadas com o "bem estar geral da sociedade (família)", além de fazer uma definição de bem estar geral, onde ela definiu que a família é esse bem. Diz que as fórmulas devem promover educação "sem ferir a Lei do País". Em outra passagem, F1 desabafa dizendo que se fosse relacionar os casos de preconceitos e violência dentro do tema, seria desestimulante ser um agente de modificação. Aponta no final de sua fala a importância da educação e de cursos como o GDE, que oferece iluminação para se criar um mundo melhor.

Para apreender mais informações sobre o posicionamento dessa educadora, vejamos outro trecho onde essa discorre sobre os direitos e movimentos sociais. Este comentário aconteceu na segunda semana de participação do módulo Sexualidade:

> *"Vivemos numa sociedade extremamente conflitante sobre esse assunto, sabemos que há comunidade dentro de outra maior que possui conceitos livre e outras com conceitos tradicionais e em casos específicos, totalmente fechados referente à sexualidade. Não vamos citar sobre religião, grupos afins e grupos filosóficos, mas sabemos que isso é um direito de todos, a livre opção de debater ou não, de ser ou não, de ensinar ou não. Portanto, fazemos parte de um mundo diversificado e pontuado em milhares de conceitos sobre um único tema, neste caso: a sexualidade.*
> *O termo heteronormatividade é novo pra mim, mas me chamou atenção quando no texto lido refere-se que esses termos não são citados nas obras (gays, homossexuais....) e isso se torna uma estratégia discursiva de criar uma grande fronteira entre os conceitos. A verdade é que a heteronormatividade e a homofobia são casos de fenômenos realmente sociais antagônicos. Concordo com o texto que diz: "há dois desafios no reconhecimento deque a homofobia deve ser combatida pela educação formal,(isto é: diretamente ligado a nós, educadores): 1º- romper o silêncio do livro sobre a diversidade sexual. O 2º, encontrar mecanismos discursivos para apresentá-la em uma matriz de promoção e igualdade e da diversidade." Temos portanto um desafio que ao longo desse debate quero achar meios de melhorar essas aplicabilidade dentro do que sou formada."*

No início de sua declaração, F1 indica um parecer considerando o fato de haver múltiplos discursos sobre a Sexualidade, e que a educação não deve tomar para si um discurso

"verdadeiro" e universal, quando diz: "Sabemos que há comunidade dentro de outra maior que possui conceitos livres e outras com conceitos tradicionais e em casos específicos, totalmente fechados referente à Sexualidade". Diz, ainda: "Não vamos citar sobre religião, grupos afins e grupos filosóficos, mas sabemos que isso é um direito de todos, a livre opção de debater ou não, de ser ou não de ensinar ou não". O que destacamos na fala de F1, é que ela ainda considera que a Sexualidade é uma opção, como algo que se escolhe. Ela ressalta a diversidade de sujeitos e a existência de variedades no que diz respeito à Sexualidade, porém confessa que o termo heteronormatividade ainda é novo para ela.

Ao analisarmos a passagem em que F1 diz: "A verdade é que a heteronormativade e a homofobia são fenômenos realmente antagônicos". Observamos uma dificuldade de compreensão, pois as leituras norteadoras do curso indicam que os processos intolerantes aos homossexuais ocorrem por conta de uma naturalização da heterossexualidade, sobretudo, que a homofobia é um processo ocasionado por mecanismos advindos da heteronormatividade.[8] Sendo assim, nota-se que não ocorreu a assimilação de alguns conceitos.

A segunda educadora da análise é F2, e ainda com relação ao mesmo fórum anteriormente citado, em sua primeira participação posta a seguinte mensagem:

> *"É muito difícil agir com naturalidade a certas questões de sexualidade, pois passamos boa parte da nossa vida, acumulando conceitos e preconceitos de nossos familiares que de certa forma estão enraizados na nossa mente e é o que consideramos ser o certo. Aceitar um comportamento fora daquele que "normalmente" se espera, tem um poder de corromper nossos conceitos e tudo que aprendemos até na nossa fé, na nossa crença religiosa, pois Deus fez o Homem e a Mulher, o Macho e a Fêmea, e condena qualquer outra forma de união que não seja a criada por Deus.*
> *Infelizmente a sociedade passou para o professor a responsabilidade de transmitir, orientar e conduzir os alunos a um comportamento sexualmente falando, comum, digno, enfim normal, como manda a Lei de Deus, procurando direcionar o aluno quando chega à escola, ter uma postura de conhecimento, conceitos e condutas.*
> *A sexualidade é um monstro que assusta pais, educadores sociedade e os corredores das escolas, pois na escola tudo acontece se encontram amores e desamores, amigos para a vida toda, parceiros de verdade enfim, falar sobre sexualidade é levar o ser humano a conhecer e respeitar o outro e a si mesmo.*"

Notemos que F2 declara que é difícil "agir com naturalidade a certas questões de sexualidade", assim, observamos que a dificuldade dela vem a partir de suas crenças, baseadas na heteronormatividade. Quando ela expressa que os conceitos e preconceitos são implantados de modo a nos fazer pensar que tal forma é a certa. F2 usa ainda o termo "aceitar" comportamentos, ou seja, admitir que tenham esses comportamentos. De acordo

---

[8] No primeiro texto da segunda unidade: *Homofobia, Silêncio e Naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual*, de Tatiana Lionço e Débora Diniz, as autoras esclarecem que a homofobia é conseqüência da heternormatividade, sendo uma prática de discriminação baseada na suposição da normalidade da heterossexualidade e dos estereótipos de gênero.

com essa fala infere-se que F2 se coloca dentro de uma norma, que considera alguns padrões de Sexualidade como preceitos certos (união entre Homem e Mulher), condenando outras formas, que segundo sua crença "não seja a criada por Deus".

Ela lamenta o fato de ser atribuído à escola que um assunto privado se torne público, na medida em que é concedida às/aos educadoras/es a responsabilidade de orientar os alunos nos "comportamentos" que são considerados dignos, comuns e normais. F2 também equipara Sexualidade a "um monstro que assusta" e por fim, apesar disso, termina sua fala completando que abordar esse tema é levar o ser humano a conhecer sobre si e sobre o outro. Vemos que F2 reconhece sua dificuldade em lidar com o tema Sexualidade, porque, segundo ela, a sociedade reconhece como padrão "correto" a relação homem-mulher.

Nessa movimentação se evidencia que, embora admita as interferências culturais presente em suas convicções, ela demonstra uma argumentação como se fosse "verdade absoluta", fundamentada basicamente pela religião.

Ao comentar a postagem de uma das participantes do curso – na segunda semana do mesmo – podemos acompanhar um processo de abertura para lidar com a temática de Sexualidade sobre uma ótica dos Direitos Humanos. Vejamos:

> *"Concordo quando a colega diz que o livro didático precisa ser urgentemente reestruturado, acolhendo temas que hoje temos que trabalhar como transversais, sendo que já há tempos, deveriam estar presentes tanto nos livros como no currículo escolar. Assim, a postura do professor e da comunidade escolar seria automaticamente reformulada devido a necessidade e a cobrança desse trabalho temático. Tratar-se-ia de uma reestrutura também em âmbito escolar, familiar, de disciplinas, de relações. Acredito que até o trabalho coletivo fluiria melhor com projetos de intervenções interdisciplinares, pois os temas seriam visto de forma multidisciplinar, não apenas pela visão de alguns profissionais que almejam a construção de conhecimentos para um mundo igualitário, sem preconceitos e discriminações. Muito já se tem feito nesse sentido, mas precisa avançar mais.*
> *A escola precisa está preparada para discutir e desenvolver a promoção da aprendizagem sobre a diversidade, principalmente ressaltando os direitos que são assegurados por leis para todo cidadão, independente da opção sexual. Para tanto, cursos, reflexões coletivas nas escolas, discussões com fundamentação teórica de autores conceituados, darão mais conhecimentos sobre a diversidade em geral, alicerçarão nossas aulas e farão com que haja a mudança de postura própria e conseqüentemente dos nossos alunos. Claro que é um desafio para muitos de nós educadores! Mas a escola é o lugar de projetar harmonia, respeito, valores, relações interpessoais, diversidade e devemos sempre aprimorar nossos conhecimentos e nos aproximarmos da realidade para não sermos apenas reprodutores, mas transformadores da sociedade".*

F2 inicia seu discurso relatando que "o livro didático precisa ser urgentemente reestruturado", pois acredita que assim a "postura do professor e da comunidade escolar seria automaticamente reformulada". Menciona os professores, a escola, o livro didático, refere-se muito aos outros que precisam mudar, mas não se coloca como fazendo parte dessa mudança.

Destaca a necessidade de formação, mas não sabemos o que fará com ela, quando diz: “Muito já se tem feito nesse sentido, mas precisa avançar mais”. Nessa fala de F2 observamos que diferentemente do discurso anterior, no qual ela expressava crenças que não consentem com a diversidade sexual, agora se atenta para a necessidade de buscar formação: “A escola precisa está preparada para discutir e desenvolver a promoção da aprendizagem sobre a diversidade”. No entanto, assim como F1, utiliza o termo “opção sexual”, de livre vontade. Ela conclui dizendo ainda que a escola é um lugar que projeta e, para tanto, por ser um espaço de diversidade é necessário aprimorar os conhecimentos, a fim de que as/os educadoras/es não sejam somente reprodutores, mas agentes transformadores da sociedade. Sob esses aspectos, F2 demonstra a necessidade de se caminhar sobre referenciais que considerem a liberdade e a autonomia de expressão da Orientação Sexual.

Vejamos o posicionamento da terceira educadora identificada como F3, no mesmo fórum que discute ainda a dimensão conceitual:

> *“A temática sexualidade ainda é um complicador para se falar e imagine no contexto escolar – é o bicho!!! É um assunto que causa vergonha, medo, imoralidade, enfim, ainda reproduzimos o que nos foi passado pelos nossos pais, como está escrito na canção:*
> *Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o que fizemos Ainda somos os mesmos e vivemos Ainda somos os mesmos E vivemos Como os nossos pais...*
> *Estudamos muito, nossas idéias são modernas, mais acredito que ainda é grande o número de educadores, como falou a colega acima, formadores de opinião, que se sente inseguro para tratar desse assunto, que é tão recorrente na escola...*
> *Quando uma criança cai no deslize de fazer algum gesto ou fala alguma coisa que envolve sexualidade é um Deus nos acuda para o educador e educadores - as atitudes com relação a criança chega até a puni-la, sem se quer buscar entender qual a compreensão que ela tem em relação ao seu ato.*
> *Ou seja, foi assim que fui educada sexualmente, não podia falar nada, pensar nada, curiosidade?! Era tratada como sem vergonhosa (na linguagem piauiense) e merecia peia, taca, pisa, sova, sei lá o quê... Não podíamos entender certas coisas...”*

Segundo F3, a temática Sexualidade é difícil, e o fato de falar sobre esse tema é um motivo que “causa vergonha, medo, imoralidade”. Ela diz se sentir insegura para tratar o assunto e completa em seguida abaixo porque não podia falar, nem entender o assunto quando pequena e se inclui ainda no grupo que reproduz o que foi passado pelos pais, explicando no final de sua fala o contexto e os valores familiares nos quais foi educada.

F3, após as leituras, em resposta aos comentários de outros/as educadores/as, posta nesse mesmo fórum, um esclarecimento de que não sabia que a homossexualidade era

enquadrada como doença mental[9] e considera que tal orientação se dá por determinismo genético. Abaixo segue a postagem de F3:

> *"Eu não sabia que a homossexualidade era admitida pela Organização Mundial de Saúde como doença mental.*
> *Sempre pensei que a homossexualidade é algo superior ao desejo de uma pessoa, para mim ninguém decide ser gay ou lésbica, por simplesmente querer ser, penso que é algo que está na genética."*

No comentário do primeiro educador do sexo masculino – M1 – em resposta aos comentários de outros educadores, no fórum sobre "Sexualidade e Orientação Sexual: Direitos e movimentos", o que se observa é uma preocupação em se trabalhar a temática, com o intuito de compreender a diversidade. M1 diz o que seria necessário para se promover a inclusão das diferentes expressões da Sexualidade.

Não observamos em seu discurso convicções ligadas a religião, ou a concepções que considerem modos adequados de viver as relações afetivas. M1 informa:

> *"Os textos são muito importantes e nos chamam atenção do poder que a escola tem para trabalhar o assunto da sexualidade com esclarecimentos seguros a ponto de formar cidadãos e cidadãs responsáveis. É necessário um trabalho conjunto: Escola, alunos, alunas, pais e responsáveis para que se promova de fato a inclusão de todas as expressões da Sexualidade. A escola está pautada de convivências sociais e de desenvolvimentos de habilidades, como a compreensão da diversidade."*

Também fala sobre a inclusão de "todas as expressões da Sexualidade", pois segundo ele a escola está pautada de "convivências sociais" e, para tanto, deve compreender a diversidade presente na mesma. Ressalta ainda a necessidade de trabalhar a questão da Sexualidade em conjunto: "escola, alunos, alunas, pais e responsáveis".

Em outro comentário M1 complementa:

> *"A heteronormatividade vem da base da ordem social, como meninas e meninos são educadas/os. Caso estes fujam da ordem, logo vem a correção e acontece a agressão aos homossexuais e bissexuais. A sociedade não respeita as suas escolhas. Mais tarde as idéias foram tomadas por outro campo de conhecimento, os homossexuais são vistos de maneira diferente. A partir dos anos 70, cientistas deixaram de classificar o homossexualismo como doença e em 1999 o Conselho Federal de Psicologia do Brasil, estabeleceu por meio de resolução nº 001/99 as "Normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual". Há também um consenso entre as ciências de que não deve haver uma explicação casual simples para orientação sexual. A orientação sexual existe sem que a pessoa tenha controle direto sobre ela. Os impulsos homossexuais podem ser escondidos por longos anos devido o preconceito.*
> *Os textos apresentam que a comunidade educativa tem a responsabilidade ética de respeitar e promover o direito que cada pessoa tem. Deve ser realizado na escola um trabalho de reflexão e aprendizado individual e coletivo, a partir de situações e*

---

[9] A homossexualidade era classificada até os anos 1980 do século XX como doença no Código Internacional de doenças (CID), de acordo com o segundo texto da primeira unidade: *Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas*, de Dagmar E. Estermann Meyer, Carin Klein e Sandra dos Santos Andrade.

> *novos conhecimentos que desafiem marcos consagrado de compreensão da sexualidade e do gênero. É interessante perceber o movimento LGBT que é uma referência para expressar os temas como diferença, desigualdade, diversidade e identidade. Um movimento que reivindica o direito da livre expressão da sexualidade como Direito Humano. Os resultados da I Conferência Nacional LGBT, com o tema "Direitos Humanos" e "Políticas Públicas, devem orientar também nossas práticas educativas. Há muitas orientações neste curso que nos fazem aprofundar e despertar para ótimos conhecimentos que nos subsidiarão no combate as agressões, as ameaças ou as violências na escola, nos espaços privados ou na comunidade. A nossa intervenção como educadoras, educadores, cidadãs ou cidadãos provocará mudanças de valores em favor da construção de uma sociedade livre de discriminação sexual."*

Após esse comentário, podemos observar que esse educador teve uma leitura dos textos das unidades, pois ele baseia seu posicionamento de forma diferenciada das educadoras antes mencionadas aqui. Ele destaca assim - com informações disponíveis no curso - a construção histórica da homossexualidade e ainda a observação de que "a comunidade educativa tem a responsabilidade ética de respeitar e promover o direito que cada pessoa tem". Ou seja, ele traz para uma perspectiva educacional de que a Sexualidade deve ser abordada do ponto de vista do direito humano em suas especificidades.

No que diz respeito à dimensão de conceitos sobre Sexualidade e, após os comentários dos demais educadores, o segundo educador – M2 – concorda quando se diz que a Sexualidade é um processo de construção. Ele relata:

> *"Sexualidade é um processo de construção que se desenvolve durante a vida da pessoa através de diferentes instituições sociais". E por isto mesmo acredito também que a formação e institucionalização das discriminações e preconceitos estejam no mesmo pacote de criação. E acredito ainda que, por estar atrelada à raiz do problema é que nos seja também tão dificultoso conversar sobre isto. Por que conversar sobre sexo é algo tão cheio de tabus? Por que a mitologia cristã cristalizou-se sob a égide de rejeição e condenação ao amor dito homossexual? Certamente pela intenção da manutenção da espécie e de afirmação de poder, somadas também aí algumas conceituações científicas primárias.*
> *Numa sociedade desenvolvida com uma outra cultura, que não a cristã, observa-se maior tolerância com relação à diversidade. Na Índia e em outros países de cultura não ocidentalizada, ocorrem sexualidades mais variadas e aceitas, vivenciadas normalmente entre a população.*
> *Interessante o caso da menina do futebol. Tão negativo quanto o caso do rapaz que foi internado em uma clínica para dependentes químicos, por sua mãe, porque o mesmo assumiu ser homossexual e ter um relacionamento homoafetivo.*
> *Nas escolas, parafraseando o Renato Russo, "as crianças aprendem a repetir a música urbana". Fazemos isto sim. Sem perceber, sem má intenção, mas repetimos e fazemos a manutenção destes dogmas autoritários, preconceituosos, discriminatórios e facistas. Claro que estamos agora enxergando melhor. Observando mais. Mas ainda há um caminho denso a ser trilhado. Vejo que agora estamos caminhando.*
> *Considerando o que dizem os autores nesta unidade e exemplos da vida cotidiana, analise como os diferentes processos educacionais contribuem para manter ou romper situações de desigualdade e preconceito na esfera da sexualidade."*

Posicionando-se com reflexões que também indicam uma leitura das bibliografias sugeridas, ao contrário de outros posicionamentos, M2 nos chama a atenção quando diz que a Sexualidade é um processo de construção adquirida através de instâncias sociais. Assim, questiona a norma ocidental que condena outras formas de Sexualidade e, completa afirmando que a discriminação e o preconceito também fazem parte de um processo de criação. Diz que tais dificuldades encontradas – de se falar sobre Sexualidades – são atribuídas à maneira pela qual essa é tratada (sempre encarada de forma problemática), enquanto outras argumentações afirmavam o quão é difícil se falar do tema, porque a cultura, de modo geral, costuma a nos acomodarmos somente a uma norma - e que devido a isso - admitem visualizar outras Sexualidades como algo espinhoso.

M2 questiona a norma, não a enquadrando como algo certo, opondo-se a outras opiniões demonstradas aqui, pois compreende que a norma tida como "certa" não é aplicável a todos. Por conseguinte, afirma desde o começo de seu discurso que considera a Sexualidade como virtude produzida culturalmente e, sendo assim, é algo mutável, diversificável, temporal e histórico, visto que não existe somente um tipo de cultura e que essa sofre constantes modificações ao longo do tempo.

M2 lamenta o fato demonstrado através de uma animação de desenho[10] divulgada no curso, e traz o exemplo de um rapaz internado por assumir um relacionamento homoafetivo. Também possui uma consciência de que há reprodução e manutenção de valores pelas instituições quando relata: "Fazemos isto sim. Sem perceber, sem má intenção, mas repetimos e fazemos a manutenção destes dogmas autoritários, preconceituosos, discriminatórios e fascistas". Essa reflexão é parte do processo que estamos buscando para as/os educadoras/es, a fim de que possíveis mudanças possam vir a ocorrer no campo educacional, sendo instrumento no combate a intolerância à diversidade Sexual, tal como foi explanado nos textos da primeira unidade.

Outro comentário relevante a ser destacado é o em que M2 participa no fórum "Sexualidade na Escola - o debate". Ele nos diz:

> *"É absolutamente conveniente e necessário levar o ensino de educação sexual para sala de aula. Para podermos construir uma sociedade SEM violência contra a mulher, contra o homossexual masculino ou feminino, contra qualquer um que valha-se de uma sexualidade que não seja a heteronormativa. Neste sentido, acredito ainda que, antes de levantarmos quaisquer posicionamentos a respeito deste assunto, seja ABSOLUTAMENTE necessário e obrigatório trabalhar o material humano profissional. O/a Professor(a) deve informar-se e formar-se em*

---

[10] Disponível no site do curso GDE: essa animação relata um fato verídico ocorrido em uma escola de Minas Gerais, na qual existe uma goleira do time feminino de futebol que obteve um brilhante desempenho na partida e por esse motivo, foi questionada por um pai a comprovar se era realmente uma mulher.

> *cursos específicos para que não ocorram atrocidades verbais levadas aos alunos. Porque um profissional da educação que não sabe distanciar sua "moral particular" do ensino laico e desprovido de interesse heteronormatizado; o/a professor(a) que ainda reproduz e reforça padrões de comportamentos apegados a normas e convenções, estes profissionais apenas perpetuam situações preconceituosas e discriminatórias, perpetuando o controle das classes dominantes. Estes "educadores(as) que apenas herdam comportamentos e não refletem seu verdadeiro papel profissional, mesmo que inconscientemente, estes causam dor e sofrimento àqueles que nos padrões não se encaixam. É necessário dar subsídio intelectual aos alunos para que percebam o seu papel na sociedade. É necessário que reflitam a importância do respeito à diversidade e à saúde do seu próprio corpo e à do outro. É necessário levantar o direito sexual de cada um, que pode ser de caráter reprodutivo ou não. Observar a linguagem e o linguajar utilizado com os alunos, levantar os direitos garantidos na legislação brasileira, que não distingue sexo, raça/etnia ou pensamento religioso; observar os livros didáticos para que os mesmos não reproduzam situações discriminatórias, utilizar-se de dinâmicas que desmistifiquem a heteronormatividade e o heterosexismo.*
> *Já houve situações de preconceito vivenciadas em minha sala de aula e que trabalhei de forma tranqüila e madura. Primeiro, porque no primeiro dia de aula de cada ano letivo SEMPRE utilizo-me de uma conversa com meus alunos(as) no sentido da valorização do respeito. E com relação a isto digo-lhes: Aqui, na sala de aula, vocês são todos iguais e não admito preconceito e discriminação de forma alguma. Aqui vocês são alunos e alunas, todos iguais, cada um com sua particularidade. Não aceito nem admito palavrão e nem chingamento aos colegas de vocês. Cada um, na sua individualidade tem direito a ser homem, mulher, homossexual, heterossexual, negro, branco, moreno, mulato, índio, católico, evangélico, espírita ou ter qualquer religião ou pensamento filosófico que quiser; ser gorda(o) ou magra(o) ou do jeito que for. É inadmissível fazer piadinhas sobre o calçado do outro aluno nem mesmo chamá-lo de pobre (incitando com isto a discriminação de classe social).*
> *Enfim, sei que minha prática em sala de aula ainda não está madura o suficiente, mas tenho me esforçado a alguns anos na construção de seres humanos melhores, até mesmo porque eu já fui discriminado e não achei nem um pouco gostoso e nem elegante a situação. Muito pelo contrário, senti-me violentado, envergonhado e quis não existir naquele momento. Por isto insisto em trabalhar na construção de jovens melhores, para que futuramente não hajam tantas pessoas com situações traumáticas escolares relatando suas vivências. Um grande abraço a todas e todos e espero que o curso, levando em consideração a gama de informações que nos foi ofertado através dos excelentes textos disponibilizados para aqueles que realmente os tenham lido, tenha proporcionado crescimento e maturidade àquelas mentes mais tradicionais e conservadoras."*

No discurso de M2, além dos comentários que demonstram um conhecimento e domínio de termos – em contraste com alguns posicionamentos aqui já mencionados – destacamos também um teor de preocupação com a temática. Ele destaca a necessidade da tarefa de levar a Educação Sexual para os contextos escolares, e assim, termos uma sociedade mais justa com a diversidade existente na mesma: "SEM violência contra à mulher, contra a homossexual masculino ou feminino, contra qualquer um que valha-se de uma sexualidade que não seja a heteronormativa".

M2 informa que para haver posicionamentos sobre o tema é necessário, contudo, uma formação, para que "atrocidades" não sejam "levadas aos alunos".

O que se avulta na argumentação de M2 é quando ele fala sobre o profissional da educação que não sabe se distanciar da sua “moral particular”, levando-se em consideração que o ensino é “laico e desprovido de interesse heteronormatizado”. Nesse caso, estariam apenas perpetuando “situações preconceituosas e discriminatórias, perpetuando o controle das classes dominantes”. Essas considerações de M2 nos indicam uma fala compreensiva e inclusiva à diversidade.

Outro destaque de seu discurso é quando ele nos revela que já foi discriminado e nos diz: “senti-me violentado, envergonhado e quis não existir naquele momento”. Nessa passagem ele nos informa que procura trabalhar “na construção de jovens melhores”. Diante aos comentários de M2, observamos a sua inquietação em se trabalhar a consciência, substancialmente, dentro da comunidade escolar, a fim de sanar a crueldade que é a discriminação.

O último educador do sexo masculino – M3 – após a leitura do artigo “Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexo", destaca:

> *“No artigo Sexos, sexualidades e gêneros:monstruosidades no currículo da Educação Sexo, a autora Jimena Furlani conclui-se que educação sexual nas escolas fascina e apavora ao mesmo tempo. Particularmente penso que essa dualidade é que faz da sexualidade um ente encantado e odiado por seu atrevimento de está presente em tudo. Ela é uma espécie de Deus que governa e desgoverna o mundo.*
> *Como a escola tem a mania de sistematizar tudo que está presente nela, será sempre um incômodo por parte da comunidade escolar (pais, educadores, alunos) não sistematizar a sexualidade. O currículo oficial recomenda, pais recomendam, alunos recomendam, educadores recomendam que a sistematize então não tem como escapar de uma educação sexo sistematizada sem preconceito.*
> *Essa omissão de não sistematizar uma educação sexo sem preconceito tem colaborado para que os monstros e as monstras agissem livremente na escola sem nenhum processo interventor, a saída é proibir os monstros e as monstras para que eles não ajam do jeito que eles bem querem. Então você que é monstro que é monstra seus dias de azaração na escola está acabando. Eu sou um dos educadores que sempre me candidatei e me candidato a interditar as ações monstruosas, principalmente as ações dos monstros homofóbicos e das monstras homofóbicas. Não podendo agir não terão sentido para eles e elas continuarem monstros e monstras.”*

M3 se atenta na questão da omissão do currículo educacional, esse modelo pedagógico que incide em trabalhar a educação sexual sem considerar as diversidades de práticas sexuais e, que enquanto esse currículo se mantiver omisso em relação a tais temáticas, monstruosidades serão cometidas por educadoras/es. M3 se considera um interventor de ações “monstruosas”, sendo essas ligadas a ações de homofobia, mostrando-se interessado em eliminar tal fobia, principalmente entre aqueles que estão envolvidos em atividade educacional.

Em outra participação de M3, ele nos informa:

> *"Em sala de aula ainda não tive um sucesso pleno da didática sobre sexualidade,mas tento trabalhar educação sexual para as turmas e o que vem me incomodando muito nos alunos é a gíria "pederastia", eles usam essa palavra na tentativa de me proibir a lecionar a temática sexualidade. É pesada a conotação que eles atribuem nessa palavra, para eles pederastia significa depravação, taradez, pornografia, malícia. Uma vez passei para eles o Filme "Quase Uma Mulher", depois debati com eles as músicas "Minha História", "Garoto de Aluguel " e a musica "Geni e o Zepelim", o filme "Quase Uma Mulher" dirigido por Christopher Monger tematiza o travestismo como desejo de se travesti sem se orientar para a homossexualidade, a música "Minha História" que tematiza a prostituta sonhadora e romântica "Geni e o Zepelim" ambas de Chico Buarque, que tematiza com tanta malícia a liberdade sexual quer seja da mulher ou da travesti, a música "Garoto de Aluguel" de Zé Ramalho que tematiza o durão garoto de programa, enfim esse repertório que escolhi fez com que os alunos me chamassem de pederasta, pela conotação que eles trazem nessa palavra me magou muito por isso me ponderei e fiz uma longa reflexão de autocrítica se esse meu repertório sobre educação sexual foi malicioso demais. Esse ano pensei em trabalhar com eles a educação sexual através dos contos de fadas, projeto arquivado pois esse ano de 2009, já nas primeiras semanas de aula eu ouvia de muitos alunos a gíria pederastia, uns chamando os outros de pederasta, o meu projeto de educação sexual através dos contos de fadas ficaram só nos contos mesmo e não na prática arquivei o projeto sem começar, com receio que eles me chamem de pederasta novamente por achar que eu quisesse transformar os contos em pornografia. O que me incomoda é que nossos alunos são tão pornográficos, mas não admitem que nós educadores falem de sexualidade pois se falarmos, eles nos taxam de pornográficos, tarados, depravados etc. Falar de sexo seguro, de gravidez na adolescência achando sem graça eles escutam, mas não os vejo animados nem em se interessar por esse tipos de educação sexual, mas vai falar de prostituição, de masturbação, de impotência, de frigidez, de desejo sexual, de repertório sexual, de virgindade, de idade sexual se usarem essas linguagens sexuais eles vibram com vaias como se estivéssemos entrando num campo desconhecido para nós e de domínio deles, fora as vais tem que ter o cuidado para não falar da masturbação feminina senão corremos o risco de as meninas não só nos chamarem de pederastas, mas de até nos denunciarem na Secretaria de Educação. O conteúdo sobre educação oferecido a eles não os interessam e se mudar esse conteúdo eles nos atacam. Se o Cazuza quando vivo falou que a AIDS possibilitou falar de sexo e que antes dela era proibido, pena que ele era cantor e não professor, porque ainda é muito proibido professor falar de sexo nas salas de aulas, proibição essa que não vejo nas bocas dos alunos, pois eles falam e escrevem , desenham pornografia nas cadeiras, nas paredes, atacam uns aos outros com bordões pornográficos e não vejo nenhuma repressão por parte de nenhum deles, mas nós educadores somos repreendidos a falarem de diversos conteúdos sexuais."*

Observamos que M3 se arrisca em trabalhar com a diversidade sexual e não informa à idade dos alunos, mas nos confessa as adversidades de lidar com a temática. Porém, não identificamos em seus discursos, crenças movidas por uma norma heterossexualista.

As postagens das/dos educadoras/es nos trazem uma dupla movimentação, no sentido de que nos revelam informações sobre posicionamentos das/dos mesmas/mesmos acerca da temática, assim como, nos proporciona reflexões sobre essas diferentes visões, na qual os sujeitos analisados emitem suas opiniões acerca da temática. Dessa forma, observamos que há grupos de concepções distintas, de alguns que demonstram uma propriedade de conceitos, adquiridos com base em experiências anteriores ou através das leituras trabalhadas no GDE,

apresentam um nível de compreensão da Sexualidade em sua dimensão plural, assim como há educadoras/es que demonstraram uma crescente na compreensão da diversidade sexual. Entre esses últimos, cabe ressaltar a grande interferência de dispositivos da sociedade, basicamente pela religião e entre eles religião e família.

Observa-se que F1, F2 e F3 demonstraram, *a priori*, que suas referências se constituem dentro da heteronormatividade, quando abordaram a questão da Sexualidade baseando-se em crenças que não contemplam a diversidade sexual. Ainda demonstram dificuldades de compreensão: à percepção de que não há um consenso universal de formas adequadas de Sexualidade, aos comportamentos tidos "fora da norma" heterossexualista e também, à reflexão de que esses comportamentos são considerados "desviantes", devido à construção histórica que sempre lhes foi atribuída.

Mesmo com esclarecimentos dentro do curso - as educadoras F1 e F2 - indicam uma dificuldade de entendimento das leituras, pois suas colocações, ainda demonstram aprisionamentos em termos de (pré) conceitos. Baseadas em valores nos quais estão inseridas, não questionaram os arranjos da sociedade em suas relações de hierarquias, de subordinações, de categorização e distinção de seres humanos tal como aparece em outros posicionamentos. Mas, caminham para assimilar que em contextos educacionais devemos ter o cuidado de suspender as crenças e dogmas que não retratam a realidade sexual. É relevante se destacar que todos esses discursos pertencem a vozes femininas.

Desse modo, os educadores M1, M2 e M3, demonstraram um entendimento e exploração das leituras. Não absorvemos falas que mostrem posicionamentos baseados em crenças religiosas, nem que a Sexualidade seja compreendida a partir de uma matriz biológica. Esses educadores também mostram que estão se aventurando em práticas educativas que consideram as diferentes Sexualidades. Assim, apresentam uma reflexão de maior compreensão com relação à diversidade sexual.

3.3 SÍNTESE CONCLUSIVA: ANÁLISE REFLETIDA DAS POSIÇÕES

Este nível de análise, que é parte do instrumental analítico deste estudo, constitui-se de uma averiguação nos trechos finais do módulo, em momentos distintos das participações das/dos educadoras/es. Busca-se evidenciar falas que demonstrem a movimentação dos posicionamentos – das/dos educadoras/educadores – e alterações nos seus discursos, verificando-se a possibilidade da negociação de novos sentidos com relação à temática de Sexualidade.

Assim, após identificarmos alguns valores e entendimentos nos discursos das/dos professoras/es – já demonstrados no primeiro nível de análise – observamos e salientamos agora, possíveis alterações em suas argumentações finais de participação no módulo de "Sexualidade e Orientação Sexual".

Na segunda unidade do módulo, foi apresentado um filme ligado à temática Sexualidade, a fim de promover um fórum de discussão, onde as/os educadoras/es tiveram que manifestar suas interpretações e visões sobre o mesmo. Tendo que expor suas opiniões sobre preconceito/discriminação e direitos civis daqueles que não são heterossexuais, levando em consideração os conteúdos dos textos e suas reflexões a respeito da manifestação da diversidade sexual.

O filme apresentado foi *Milk - A voz da igualdade*, de 2009. A história - baseada em fatos reais - mostra a biografia de Harvey Milk, primeiro político e ativista gay a ser eleito no serviço público norte-americano. Não obstante, retrata a luta das minorias sexuais, travadas no século XX, em busca da aquisição dos direitos civis de homossexuais. Analisamos os comentários de algumas/uns das/dos professoras/es em relação ao filme. A questão colocada pela tutora no fórum para comentários foi: "Considerando sua visão pessoal e o conteúdo dos textos analise a diversidade sexual, e o preconceito/discriminação sofrido por homossexuais, gays ou lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais. Você considera que pelo fato de uma pessoa não ser heterossexual, deve ter seus direitos civis restringidos (herança, constituição de família, manifestações de afeto em lugares públicos)?".

Nossa análise começa com a educadora F1 comentando uma interrogação de outra educadora participante do curso, na qual ela pergunta, no início do debate em questão, qual a relação entre o homossexualismo, prostituição e o uso de drogas, questionando o porquê de esses estarem sempre juntos. F1 responde:

> *“Bom, referente à sua pergunta penso que a relação que há entre homossexualismo, prostituição, lesbianismo e etc.. e drogas é que tanto uma prática quanto a outra, ambas procuram preencher um vazio dentro de seus praticantes que, cada vez mais essa solução se torna mais distante e com isso o envolvimento é cada vez maior, as pessoas que praticam tais ações tentam se justificarem com filosofias próprias e sem fundamento da boa moral familiar. Aceitar o praticante sim, acatar a prática jamais, pois que benefício há nestas práticas? Respeito para que não há discriminação é louvável, mas por outro lado os praticantes também não podem discriminar os que abominam tais atos. Isso é o que penso. O filme relata fatos que hoje se torna mais compreensível, mas nenhuma violência é aceitável, combater os chamados "erros" não é combater os errantes. Afinal, em se tratanto de preconceito, não temos apenas os homossexuais, travestis, lésbicas etc, em evidência. Também há pessoas que se fecham num "casulo" e só seus argumentos são reais. Isto também é um erro sério.”*

O que se observa é que tanto a pergunta quanto a resposta que foi dada para ela, demonstram homofobia, imbuídos de premissas preconceituosas com relação aos homossexuais.

Quando F1 nos relata que há uma relação entre “homossexualismo, prostituição, lesbianismo e etc... e drogas”, fica velado um discurso preconceituoso, que estabelece uma ligação entre a homossexualidade, a prostituição e o uso das drogas. Ela completa seu pensamento desabafando: “é que tanto uma prática quanto a outra, ambas procuram preencher um vazio dentro de seus participantes”. Comete tal equívoco para logo depois argumentar que tais filosofias são “sem fundamento da boa moral familiar”. Assim, F1 indica considerar os praticantes dessas manifestações de Sexualidade como seres que buscam algo para preencher um vazio, que esses se baseiam em filosofias “sem fundamento” de uma boa moral familiar.

Podemos observar, ainda, que a professora absorve e se utiliza de termos equivocados, como “homossexualismo” e “lesbianismo”, o que demonstra um desconhecimento de nomenclaturas já abordadas nas leituras e discutidas no curso. Pois, o sufixo “ismo”, remete a patologia, não sendo mais utilizado e, portanto, a forma correta seria homossexualidade e lesbianidade em respeito à pluralidade as formas de viver a Sexualidade.

A professora diz que pode “aceitar o praticante”, mas “acatar a prática jamais”, e questiona quais os benefícios que poderá haver em práticas como essas. Com esse discurso, notamos que F1 demonstra intolerância a determinadas práticas sexuais e vemos também, o quanto ela continua se baseando em suas crenças, dentro de preceitos heterossexuais. Informa-nos ainda, que considera as práticas homoafetivas como algo abominável, sendo um “erro sério”.

Após as considerações feitas pela tutora e pelos participantes do curso, destacamos trechos do seu último comentário feito nos fóruns deste. Conforme demonstraremos abaixo, a educadora não esconde que a temática lhe gera um incômodo.

> *"Com toda certeza, esse* assunto, *mesmo que seja oficializado e imbutido nos currículos escolares, provoca incomodação, perturbam e preocupam a todos, seja quem ensina ou quem aprende (...)"*

Dentro da proposta do curso GDE – de buscar perspectivas para que as/os educadoras/es possam observar a Sexualidade sob uma ótica da diversidade, para assim, conviver e respeitar as diferenças – concluímos que F1, mesmo depois de realizar o curso, mantém um posicionamento conservador, resistindo portanto, em assimilar as informações sobre temáticas ligadas à Sexualidade. Demonstra assim, irrefletidamente, um "tom de verdade" conectado aos seus valores e crenças, o que aponta para posicionamentos preconceituosos e de intolerância à diversidade de relações afetivas. Logo, não demonstra alterações em seu discurso, e traz para sua fala sua "crença religiosa" deixando a margem a laicidade do Estado, pois se tratando de contexto educacional público, deveria ponderar suas crenças.

Diante da fala de F1, repleta de valores que não compreendem a diversidade sexual, outros discursos surgiram em resposta a seu posicionamento. Vejamos a contraposição de M2 ao comentário de F1 sobre o filme *Milk*:

> *"Desculpa-me, mas não consegui passar pelo seu comentário sem um pouco de consternação. Primeiro que não se usa, há um bom tempo, o termo HOMOSSEXUALISMO, visto que o sufixo ISMO integra a conceituação de DOENÇA e, como já divulgado há alguns anos, a homossexualidade não está inserida no código médico de definição de doenças. Segundo que não acho nem um pouco conveniente e nem correto se comparar homossexualidade com prostituição nem uso de drogas. Este seu discurso está recheado de preconceito e preconceito sério! Ninguém é homossexual por estar "vazio" como você citou acima! Este é um discurso católico, reacionário, conservador, ortodoxo, preconceituoso! De que realmente está lhe valendo o curso se até agora não conseguiu destituir-se destes conceitos? (...)*
>
> *(...) Ninguém escolhe nascer negro ou branco ou homem ou mulher ou homossexual ou heterossexual. E toda forma de preconceito e discriminação é abominável sim! Uma pessoa que não está apta a aceitar a diferença não deveria também participar da sociedade e de toda a diversidade que ela expõe. Ou deveríamos obrigatoriamente todos sermos heterossexuais, homens e mulheres, brancos, calcasianos, de olhos claros, magros e belos, conforme ditam as regras do fantástico mundo capitalista? Se for assim, exterminemos os negros, os homossexuais femininos e masculinos e os índios e todo aquele que no padrão não couber! E pode começar por mim!*
> *E para finalizar, SIM, TODAS AS PESSOAS TÊM DIREITO A TER SUA FAMÍLIA E AMAR E SEREM AMADAS! Ninguém é melhor que ninguém aqui neste planeta para ter privilégio sobre a vida de outro. Parafraseando Sheakespeare, "tanto o Rei quanto o bobo da corte alimentarão o verme após a morte", portanto, SIM, somos todos iguais para o verme que irá nos devorar. Não interessa se homossexual, heterossexual, homem, mulher, branco, negro, índio ou quem quer que seja."*

Nessa exclamação de M2, em que ele demonstra uma inquietação com os termos utilizados por F1, notamos um posicionamento atento ao fato de se tratar a Sexualidade sobre uma ótica dos Direitos Humanos: todas as pessoas são iguais e possuem o direito de "amar e

serem amadas”, em conformidade com sua orientação sexual. Ele diz que se fossem exterminar todos aqueles que não estão dentro dos padrões, poderia começar por ele.

M2 demonstra, também, ceticismo a certos valores propagados pela religião, e em contraste a F1, não marginaliza grupo algum, quando diz , “Somos todos iguais para o verme que irá nos devorar. Não interessa se homossexual, heterossexual, homem, mulher, branco, negro, índio ou quem quer que seja”.

Assim como M2, o educador M3 também indagou o comentário feito por F1, e iniciou sua fala questionando os argumentos utilizados pela educadora, a respeito de sua visão sobre a temática e sua opinião sobre os elementos apresentados no filme.

> *”A seu heterossexual (ismo) está preenchendo o seu vazio? De certo a senhora não tem nenhum vazio a ser preenchido, pois para a senhora quem os tem são os homossexuais, os prostitutos, os drogados e etc., preenchidos pelas suas correspondentes práticas. (...)*
> *(...) Se realmente alguém precisa fazer esse curso esse alguém é a senhora, mas poxa a senhora é pedagoga no mínimo deveria ler os textos, se tivesse lido não daria um fora desse tamanho, quem é a senhora para falar com tanta propriedade que a homossexualidade, que a prostituição, que a drogadição, que o lesbianismo é um tapa buraco de vidas mal resolvidas, lê apenas os textos da primeira semana sobre sexualidade que a senhora perceberá quase que desenhado que os seguintes textos dizem que a ” A sexualidade é influenciada por uma interação de fatores de ordem biológica, psicológica, social, econômica, política, cultural, ética, legal, histórica, religiosa e espiritual”. Contudo percebo que a senhora alimenta a crença negativa sobre a sexualidade, essa "visão negativa, repressiva, que promove a disciplina e o controle social sobre a expressão do desejo.” Ao invés da senhora lançar uma idéia não prejudicial como lançou, apropria-se e propaga a idéia textual cheia de crédito que diz que os “Historiadores e cientistas sociais elaboraram a noção de sexualidade como uma construção de corpos, desejos, comportamentos e identidades que todas as pessoas desenvolvem durante suas vidas por meio da apropriação subjetiva das possibilidades oferecidas pela cultura, pela sociedade e pela história.”*

M3 argumenta que como educadora e participante do curso, tais conceitos já deveriam ter sido assimilados por F1 e que, portanto, ela não deveria demonstrar uma opinião que considere a homossexualidade como doença e nem associá-la às drogas. Ele a alerta de que a Sexualidade, tal como foi abordada nos textos das unidades, é algo que sofre influências “de ordem biológica, psicológica, social, econômica, política, cultural, ética, legal, histórica, religiosa e espiritual”.

M3 diz que o preconceito contra homossexual é ainda o mais forte que existe, visto que a legislação ainda não proíbe essa manifestação de preconceito, tal como fez com o preconceito contra as mulheres, negros, e índios, onde esses possuem artigos específicos de coibição, considerando agressiva a fala de F1. Ele solicita que ela se posicione no lugar daqueles agredidos com sua fala expressiva de repulsa aos homoafetivos.

> *“A Lei Maria Da PENHA, O estatuto anti racismo certamente, aos menos estão intimidando os cursistas. Nenhuma mulher do curso foi agredida com palavras,*

> *nenhum índio do curso foi agredido com palavras, nenhum negro do curso foi agredido com palavras, mas os homossexuais do curso foram e muito agredidos com palavras. Nenhuma retratação, nenhum pedido de desculpas está postado nos fóruns, imagine se alguém falasse que ser mulher, que ser negro, que ser índio serve só para preencher vazios. Imagine se alguém do curso escrevesse nos fóruns que ser ou estar mulher, que ser ou estar índio, que ser ou está negro e com muita força de vontade e com tratamento psicoterápico deixaria de ser mulher, de ser negro, de ser índio, se alguém escrevesse isso com certeza a LEI MARIA DA PENHA, O ESTATUTO ANTI RACISMO iriam atuar aqui nesse curso. Como não tem uma lei bem direcionada que proíbe a homofobia, a prática dela está correndo solta nos fóruns e os organizadores do curso estão usando essas ofensas dos cursistas aos homossexuais, até onde pude ver somente com fins didáticos, não sei se esses cursistas estão ou serão penalizados por tais ocorrências. Essas ofensas escritas aos homossexuais são sérias e deveriam os organizadores do curso se posicionarem de forma mais radical contra esses agressores, se possível acionar a justiça para apurar esses delitos."*

Em relação à educadora F2, podemos destacar que em suas últimas participações ela comenta sobre a meditação, que o filme e o curso de modo geral, lhe proporcionaram.

> *"Com as leituras dos textos bem aprofundados na questão de direitos iguais para todo cidadão independente de sua opção sexual, não tenho dúvidas que são inadmissíveis quaisquer tipo de restrições feitas em relação a direitos civis como herança, constituição de família entre outras. Precisa sim, ser denunciado, promover discussões na mídia para chamar a atenção da sociedade para preservar os direitos de todos. Querem simplesmente engessar os paradigmas construídos ao longo de um processo de discriminação e preconceitos e não promover a liberdade, a igualdade, o respeito à diversidade. Mas gostaria de ressaltar a importância de cursos, discussões, reflexões que trazem uma gama de conhecimentos novos a cerca dos diversos assuntos relacionados à diversidade. A escola não está preparada para lidar com esse assunto ainda, precisa buscar mecanismos para conversar e debater mais entre profissionais da área, alunos e comunidade escolar. O filme nos leva a pensar sobre a luta dos que não se enquadram ao chamado "padrão social", pelos seus direitos constitucionais e, não apenas isso, mas o de também serem aceitos e reconhecidos pela sociedade com respeito e dignidade, que, diga-se de passagem, todo cidadão merece."*

Inferimos que com a leitura dos textos, ela chega à conclusão de que "são inadmissíveis quaisquer tipo de restrições feitas em relação a direitos civis como herança, constituição de família entre outras". Embora ainda se refira à Sexualidade como "opção sexual", vemos que ela enxerga os direitos dos homossexuais, como direitos de qualquer ser humano, e nos profere um discurso que nos chama a atenção: "Querem simplesmente engessar os paradigmas construídos ao longo de um processo de discriminação e preconceitos e não promover a liberdade, a igualdade, o respeito à diversidade".

Assim, F2 nos dá um indicativo de que o curso, com seus filmes, debates/interações nos fóruns possibilitaram meios para a reflexão de como a Sexualidade é um processo de construção, que se desenvolve através das instituições sociais. Ela argumenta ainda, que não se devem perpetuar assimetrias de direitos em função da orientação sexual, e considera que tal discriminação é um fato inadmissível. Por isso, medita sobre padrões sociais estabelecidos e

faz reflexões sobre os que não se enquadram nesses “padrões”, e sobre as lutas, “pelos seus direitos constitucionais e, não apenas isso, mas o de também serem aceitos e reconhecidos pela sociedade com respeito e dignidade, que, diga-se de passagem, todo cidadão merece”.

Já nas considerações finais do educador M1, notamos que ele se atenta ao filme e às reflexões que o mesmo lhe proporcionou. Ele compreende que esse, demonstra a luta pelo reconhecimento de direitos das minorias sexuais, considerando um enorme gancho para articulações dessas minorias na atualidade, como por exemplo, a parada gay.

> *“Diante da historia contada no filme, é fácil de entender por que o mesmo fez tanto sucesso. Pois vejo uma mensagem fortíssima, atualizada e lançada à sociedade que massacra com qualquer vontade de expressão de um indivíduo.*
> *A coragem da personagem principal do filme retrata um exemplo de bravura suficiente para lutar em prol de sua orientação sexual que na época era vista como monstruosidade e repudiada pela alta sociedade. Graças a essa luta incansável de reconhecimento e respeito originou-se nos dias atuais o movimento gay (parada gay, GLS), que tomou uma dimensão notável no mundo.”*

Observamos que durante o curso, esse educador trouxe comentários reflexivos com relação aos textos e à temática, mostrando analisar as situações de desigualdade na esfera da Sexualidade.

Nos trechos de sua ultima postagem M1 faz considerações de como trabalharia a educação sexual e, também diz que teve muitas orientações através do curso:

> *“Conduziria a Educação Sexual com crianças e adolescente depois de muitas orientações, muitas já tive através deste curso, envolveria educadoras e educadores de muitas áreas, alunas e alunos, pais e mães, administrando filmes e palestras, o diálogo é indispensável para identificar as dúvidas e esclarecimentos.”*

Para finalizar, vejamos o último comentário da participação de F3, no qual ela compartilha o pensamento de se posicionar no lugar daqueles que sofrem com discriminação pelo fato de viverem seus prazeres. Sobre o desenho apresentado no vídeo “Medo de quê[11]?”, ela diz:

> *“Assistir o vídeo Medo de quê? Este me fez pensar como é difícil se confrontar com desejos e interesses que não estão assegurados como "normais" na sociedade.*
> *Penso como é difícil ser diferente dos padrões pré-estabelecidos de ser homem ou ser mulher. E, na adolescência e no contexto escolar é um grande desafio sobreviver e assumir o que rola dentro de si. A escola é um espaço, na minha visão, doloroso, pois somos padronizados e as diferenças logo são evidenciadas e às vezes causam vexames, desânimos e até desistência.*
> *Estou achando esse curso muito importante porque está possibilitando reflexões para melhorar minha prática como pessoa humana e profissional. Sei o quanto é difícil falar e lidar com situações que ainda nos causa "estranheza" e não é por preconceito ou falta de respeito ao sentimento do outro, mais sim por uma questão histórica e cultural - a gente não consegue mudar as coisas num toque de mágica.*

---

[11] Desenho animado com duração de 20 min., esse vídeo conduz a reflexões críticas sobre a diversidade sexual. Disponível parte I: http://www.youtube.com/watch?v=oryExiO5PL4, disponível parte II: http://www.youtube.com/watch?v=CCVsUDfRl3o (acessado: 11/01/2011)

> *Desconstruir, desestruturar e/ou reformular nossas idéias pode ser considerado o caminho que nos possibilitará educar de maneira mais aberta, com menos tabus. Não repetir a maneira como fomos educados para nossa geração é um desafio, é uma superação."*

Nessa passagem vemos que F3, apesar de considerar algumas situações em níveis de "estranheza", fala em reformulação, desnaturalização de processos que afirmam as diferenças para discriminar, e pensa em inovações no campo da educação. Isso, a fim de não se reproduzir atrocidades na escola, tornando-a um espaço doloroso para os alunos ao se transformar em um ambiente de (re) produção de diferenças, utilizadas para hierarquizar sujeitos. Ela que inicialmente nos relatava suas dificuldades substanciadas pelos valores nos quais foi criada, agora demonstra argumentações que refletem uma absorção de conteúdos explorados pela bibliografia abordada no curso.

Observa-se que todos os sujeitos desta análise salientaram a relevância da discussão da temática, e a perspectiva educacional que o curso GDE traz para educação, com uma proposta desafiadora que objetiva pensar novos horizontes nos contextos escolares: mais respeito à diversidade sexual presente nos mesmos e menos situações de preconceito, discriminação e violência às Sexualidades.

Entretanto, refletindo sobre as/os participantes vemos que nos últimos posicionamentos, ainda há tons de "verdades" sobre práticas adequadas de Sexualidade, sem levar em consideração os conceitos trabalhados no curso.

Dentre esses posicionamentos finais, destaca-se o de F1, ao divulgar opiniões que não indicam comprometimento com práticas educativas que consideram a pluralidade sexual existente na realidade educacional. Demonstra também, um descompasso em relação as/aos outras/outros educadoras/es ao considerar inteligíveis somente as práticas heterossexuais. Além disso, ela aparenta ter um sentimento de repulsa a outras possibilidades sexuais.

Nesta análise geral, notamos que alguns discursos se entrelaçaram e apresentaram uma compreensão de conceitos, partindo de uma reflexão de acordo com a proposta do curso. Alguns educadores expressam definições apresentadas nas leituras e com base nisso, fica clara a sintonia de discursos inclusivos à diversidade sexual entre os educadores M2 e M3.

Notamos que as educadoras F2 e F3, que antes baseavam suas visões sobre a Sexualidade em crenças particulares movidas por seus valores, no decorrer do curso despertaram para olhares compreensivos em relação à temática, compreendendo as dificuldades advindas pela cultura na qual foram criadas. Enquanto isso, o professor M1 apresentou interesse nas abordagens feitas nas leituras, e seus posicionamentos

demonstraram-se voltados a absorver tais informações adquiridas, com comentários reflexivos aos direitos e também as movimentações das minorias sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se neste estudo que sob a égide de um estado heterogêneo, ao qual se busca atender a diversidade cultural e valorativa que habita este país, a Sexualidade é uma questão que está incorporando novas dimensões discursivas dentro dos espaços escolares.

Sobretudo, essa temática vem adquirindo na contemporaneidade, o grande desafio de desconstruir a dimensão reducionista que há na Sexualidade humana, visto que, ela ainda é compreendida dentro do contexto escolar, em um sentido limitado de reprodução biológica.

Esse desafio mencionado, esbarra na matriz patriarcal valorativa implementada nesta sociedade e, que elegeu um modelo singular inteligível de vivenciar os prazeres: a heterossexualidade. Logo, sob os moldes heteronormativos, foi modelada a abordagem da temática Sexualidade na escola. Entretanto, este modelo legitimado, não só deixa à margem as outras Sexualidades, como também, promove uma desvalorização das mesmas. Dessa forma, a hegemonia dessa matriz, perpetua valores que causam tanto a violência simbólica quanto a física aos que não seguem o modelo heterossexual de conjugalidade e de família.

Nesse contexto, no que diz respeito à Sexualidade, a educação que é uma prática social inspirada em princípios de liberdade – e tem por finalidade formar cidadãos, para que possam conviver respeitando os direitos individuais – clama por inovações de práticas educativas, que promovam a diversidade, sobretudo, às Sexualidades. Ela estaria assim, tornando-se um instrumento no combate a esses valores, que mascaram as hierarquias mergulhadas nessa matriz hegemônica.

Por conseguinte, o estudo possibilitou uma reflexão de como a Sexualidade historicamente foi/é utilizada como dispositivo de poder, e através de um fato que *a priori* seria algo individualizado, acabou se tornando uma questão de controle social. Proporcionou ainda, uma dimensão sobre a pedagogização do sexo, e do papel da educação no decorrer da história na cadeia de embaralhamentos desse dispositivo de poder. Propiciou também, a abertura para novos caminhos que não partem dos binarismos de enquadramentos da Sexualidade Humana.

Assim, despertou olhares “desconfiados” aos discursos que naturalizam e normalizam a ordem heterossexualista, através do contato com os estudos *queer*. Substancialmente, este trabalho provocou a reflexão de que a educação é uma ferramenta que pode auxiliar na

transformação desse modelo de sociedade, e que reproduz e naturaliza também as situações de preconceito e discriminação.

Nesse contexto, após a realização de uma análise na formação de educadoras/es com o objetivo de que elas/eles despertassem para estas possibilidades educacionais – que consideram a diversidade sexual – conclui-se que temos um longo caminho na construção de novas práticas sociais, às quais almejam alcançar valores que garantam o direito humano, respeitando as especificidades de cada indivíduo.

Por fim, observamos a relevância da discussão dessa temática no contexto escolar, que não é neutro. Diante disso, é significativa a realização da promoção e da ampliação de conhecimentos para as/os educadoras/es, pois é apenas o inicio da construção de uma sociedade mais justa e democrática em relação a diversidade sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin & GASKELL, George: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis. Vozes, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo. Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

BRASIL. LEI n° 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Fundamental.** Brasília. MEC/SEF, 1997.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. in.: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte. Autêntica, 2007. 2. ed.

BRASIL. Secretária Especial de Políticas Para as Mulheres. **Gênero e Diversidade na escola: Formação de Professores em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

CONNELL, Robert W. *Políticas da masculinidade.* in: Revista Educação & Realidade. Vol. 20, n. 2, julho/dezembro. Porto Alegre. UFRGS, Faculdade de Educação, 1995.

GREGERSEN, Edgar, **Práticas sexuais - A história da sexualidade humana**. Editora Roca, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988. 16ª edição.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996. 39ª edição.

HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. *Quem precisa de identidade?* in: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo. Cortez, 1994.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2005. 2ª Edição.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho***:* **Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

_____. *O "estranhamento" queer.* in: Cristina M. T. Stevens; Tânia Navarro Swain (org.). **A construção dos corpos. Perspectivas Feministas.** Florianópolis. Ed. Mulheres, 2008.

_____. *Pedagogias da Sexualidade.* in.: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte. Autêntica, 2007. 2. ed.

_____. *Gênero, história e educação: construção e desconstrução.* in: Revista Educação & Realidade. Vol. 20, n. 2, julho/dezembro. Porto Alegre. UFRGS, Faculdade de Educação, 1995.

PARKER, Richard. *Cultura, economia política e construção social da sexualidade*. in.: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte. Autêntica, 2007. 2. ed.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, in: Revista Educação & Realidade. Vol. 20, n. 2, julho/dezembro. Porto Alegre. UFRGS, Faculdade de Educação, 1995.

SILVA, Thomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença.* in: SILVA, Thomaz Tadeu (org.). **Identidade** e **diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SWAIN, Tânia Navarro. *A invenção do corpo feminino...* in: SWAIN, Tânia Navarro. (org.). **Feminismos: Teorias e perspectivas. Textos de História.** Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, Vol. 8, nº 1/2, Brasília, 2000.

Links acessados:

Plataforma de acesso ao curso GDE. Disponível em: < http://uab.unb.br/moodle/course/view.php?id=664 > Acessado em janeiro. 2011.

Desenho **Medo de quê?** Parte I. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=oryExiO5PL4 >. Acessado em 10/01/2011.

Desenho **Medo de quê?** Parte II. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=CCVsUDfRl3o>.Acessado: 11 jan. 2011.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (orgs.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio.** Brasília: EdUnB, 2009. Disponível em: < http://www.sxpolitics.org/pt/wp-content/uploads/2009/05/homofobia_e_educacao.pdf. >.Acessado: 25 jan. 2011.